

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

TAMIRES VILA MAIOR

**PERCEPÇÕES SOBRE SAÚDE MENTAL, SUICÍDIO E O
COMPORTAMENTO AUTOLESIVO NO CONTEXTO ESCOLAR SOB A
ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS**

AQUIDAUANA/MS
2021

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

**PERCEPÇÕES SOBRE SAÚDE MENTAL, SUICÍDIO E O
COMPORTAMENTO AUTOLESIVO NO CONTEXTO ESCOLAR SOB A
ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS**

TAMIRES VILA MAIOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais, sob a orientação da Prof. Dra. Helen Paola Vieira Bueno.

AQUIDAUANA/MS
2021

TAMIRES VILA MAIOR

**PERCEPÇÕES SOBRE SAÚDE MENTAL, SUICÍDIO E O
COMPORTAMENTO AUTOLESIVO NO CONTEXTO ESCOLAR SOB A
ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Helen Paola Vieira Bueno

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-Campus de Aquidauana(UFMS/CPAQ)
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Patrícia Zaczuk Bassinello

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-Campus de Aquidauana(UFMS/CPAQ)
Examinadora

Prof.^o Dr.^o Fernando Faleiros de Oliveira

Centro Universitário da Grande Dourados(UNIGRAN)
Examinador

Aquidauana, MS, 21 de maio de 2021.

DEDICATÓRIA

Decido este trabalho à minha família, em especial,
minha mãe Sonia, minha irmã Tainara,
meu primo Danslei, minha madrinha Vania in memoriam
e meu companheiro de vida Leonardo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do Programa de Mestrado em Estudos Culturais, Campus de Aquidauana-MS, pelo profissionalismo e dedicação ao ensinar. Em especial, destaco o professor Miguel Rodrigues de Sousa Neto coordenador da pós-graduação.

À minha orientadora professora Helen Paola Vieira Bueno. Professora, obrigada pelas conversas e trocas, pelo respeito e afeto, este trabalho é fruto da sua credibilidade em mim e naminha pesquisa. Minha admiração e gratidão.

Aos professores Aguinaldo Rodrigues Gomes, Patrícia Zaczuk Bassinello e Fernando Faleiros de Oliveira, que participaram desta banca e contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

Aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais-PPGCult, somos desbravadores. Obrigada pelos momentos de convívio, risos, trocas e afetos.

Ao pessoal da Secretária Acadêmica, em especial, ao Geovandir André Lordano pela eficiência e cuidado com os acadêmicos.

Aos meus alunos, que sempre serão a razão de eu acreditar no poder da educação. Obrigada por vocês me desafiarem a ser cada dia uma pessoa e educadora melhor, confiante e feliz.

À escola, cuja pesquisa foi realizada, lá descobri a paixão pela educação e a me reinventar a cada aula dada e experiência vivida.

À minha família, Sonia, Tainara e Léo, minha igreja doméstica, meu alicerce e lugar de calma. Obrigada pela paciência, solicitude, preocupação e amor dedicados a mim. Vocês souberam tolerar e compreender o meu estranho mau humor em determinados momentos desta pesquisa, com sabedoria. Meus agradecimentos com imenso carinho.

À minha madrinha Vania, *in memoriam*, não estás fisicamente aqui, mas se faz presente em todos os momentos. Sempre me incentivou a ser forte, ter coragem e ir além.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, sem distinção. Sou eternamente grata.

A Deus por iluminar nesta jornada e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro por sempre me cobrir com seu manto Sagrado apontando o caminho certo que é Jesus.

Finalmente, a todos que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui. Muito obrigada!

*“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,
mas pensar o que ninguém ainda
pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”*
(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

Esta pesquisa se inicia da ânsia por respostas diante de percepções a respeito da fragilidade mental de alunos do ensino médio, ao perceber que eles, de um modo geral, sofriam com certas situações tanto em casa como na escola, me vi na obrigação de criar projetos e lugares de fala para que eles pudessem se manifestar de alguma forma. A partir daí, surgiu um projeto interdisciplinar chamado “Bate Papo Favorável” incluindo alunos professores e outros profissionais convidados. O projeto foi idealizado e colocado em prática e tinha como objetivo trabalhar as novas disciplinas propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e envolveria as competências socioemocionais. Portanto, esta pesquisa busca investigar a saúde mental, o suicídio, o comportamento autolesivo e as percepções culturais de profissionais da educação e estudantes do ensino médio de uma escola pública e no município de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. A análise dos dados ancora-se nos teóricos dos estudos culturais e no cotejamento da bibliografia atinente a saúde mental e ao suicídio. O objetivo deste estudo é analisar sobre como a escola e os estudantes percebem o suicídio e propor caminhos para uma melhor saúde mental dos estudantes no espaço escolar, tendo em vista a promoção da vida. Pesquisa do tipo qualitativo, exploratório-descritivo, utilizando técnicas bibliográficas; de entrevistas semiestruturadas com os profissionais da educação, sendo eles: diretor da unidade escolar, professores e inspetor de alunos e; de observação e formação de grupos de discussão e produção de materiais de alunos de 14 a 17 anos por meio de ilustrações. Os resultados indicam que é possível inferir que tanto a escola quanto os estudantes precisam dialogar mais sobre o tema, a fim de romper com mitos e esclarecer outros caminhos para solução de problemas que promovam discussões e produção de materiais sobre a saúde mental e a promoção da vida em toda a comunidade escolar envolvida.

Palavras-chave: Suicídio. Adolescência. Escola. Estudos Culturais.

ABSTRACT

This research starts from the eagerness for answers in face of perceptions about the mental frailty of high school students, when realizing that they, in general, suffered from certain situations both at home and at school, I felt obliged to create projects and places of speech so that they could manifest themselves in some way. From then on, an interdisciplinary project called "Favorable Chat" was created, including student teachers and other invited professionals. The project was conceived and put into practice and aimed to work on the new subjects proposed by the Common National Curriculum Base (BNCC) and would involve socio-emotional skills. Therefore, this research seeks to investigate the mental health, suicide, self-harm behavior and cultural perceptions of education professionals and high school students in a public school in the city of Aquidauana, state of Mato Grosso do Sul, Brazil. Data analysis is based on cultural studies theorists and on the comparison of bibliography on mental health and suicide. The aim of this study is to analyze how the school and students perceive suicide and propose ways to improve the mental health of students in the school environment, with a view to promoting life. Qualitative, exploratory-descriptive research, using bibliographic techniques; semi-structured interviews with education professionals, namely: school unit director, teachers and student inspector; observation and formation of discussion groups and production of materials for students aged 14 to 17 through illustrations. The results indicate that it is possible to infer that both the school and the students need to talk more about the topic, in order to break with myths and clarify other ways to solve problems that promote discussions and production of materials on mental health and the promotion of life in the entire school community involved.

Keywords: Suicide. Adolescence. School. cultural studies.

LISTA DE IMAGENS E QUADROS

Quadro I - Fatores de risco para o suicídio.	20
Quadro II - Orientações da OMS para a imprensa sobre coberturas de suicídios	47
Quadro III - Como noticiar o suicídio em geral.	51
Quadro IV - Como noticiar casos específicos de suicídio.	52
Imagem I - Competências cognitivas e socioemocionais.....	26
Imagem II - Competências gerais da BNCC.....	30
Imagem III - Competências socioemocionais BNCC.....	31
Imagem IV - “Ninguém me leva a sério quando estou triste”.....	64
Imagem V - “Tire as máscaras”.....	65
Imagem VI – “Depressão mata!”.....	66
Imagem VII - “Ansiedade e morte”.....	67
Imagem VIII - “Mas você sempre está sorrindo”.....	68
Imagem IX - “Viver pra quê?”.	69
Imagem X - “O que o mundo me oferece?”.....	70
Imagem XI - “A menina que não aguentou”.....	71
Imagem XII - “Eu não queria morrer.”.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABP - Associação Brasileira de Psiquiatria

ANDES - Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CID-10 - Código Internacional de Doenças

EC- Estudos Culturais

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

IAS - Instituto Ayrton Senna

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MS - Mato Grosso do Sul

OCDE - Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

OPAS/MS -Organização Pan-Americana da Saúde/Ministério da Saúde

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2.	PERCURSO METODOLÓGICO	16
2.1	Tipo de Estudo	16
2.2	Participantes e <i>Locus</i> de Pesquisa.....	16
2.3	Procedimentos.....	16
2.4	Análise dos Dados	17
2.5	Hipóteses.....	17
2.6	Objetivo Geral e Específicos	17
3.	O ADOLESCER E OS NOVOS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO	19
3.1	Pubescente: transições e descobertas	19
3.2	O papel da escola	21
3.3	As competências socioemocionais na educação e a BNCC.....	25
4.	OS ESTUDOS CULTURAIS E O SUICÍDIO.....	33
4.1	Contexto histórico e cultural.....	33
4.2	As relações entre a influência do estado, o poder e o suicídio	38
5.	SOCIEDADE DO DESENCANTO E DO VAZIO: SUICÍDIO, EDUCAÇÃO E MÍDIA	43
5.1	Hipermodernidade e desencantamento frente ao outro e ao mundo	43
5.2	A representação e a disseminação do suicídio nas mídias.....	48
5.3	As relações sociais na era digital	52
6.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
6.1	Narrativas dos profissionais da educação	57
6.2	Produções dos estudantes: subjetividades e representações	63
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICE	85

1 INTRODUÇÃO

Sempre pensei que ensinar fosse uma tarefa além da transmissão do conhecimento. Ao ingressar na universidade, no ano de 2011, optei por fazer Letras com Habilitação em Língua Espanhola com o intuito de me preparar para concursos que não incluíssem ser professora. Foi somente no meu terceiro ano de curso, ao me deparar com o estágio probatório, em uma escola pública, com alunos, professores e toda uma comunidade escolar real que me descobri educadora.

Me encantei pela rotina escolar, pelos desafios do ser professor, pelas trocas e afetos criados entre professor e aluno e principalmente por perceber a escola como casa, como plano de fundo de uma construção pessoal. Aquilo que eu nunca imaginei me dominou a partir daquele momento, e eu queria ser professora.

Trabalhei durante cinco anos consecutivos na mesma escola, totalizando sete anos (com o estágio) convivendo, observando, ensinando e aprendendo naquela unidade escolar. Uma escola pública, de periferia, que atendia mais de 800 alunos por ano no ensino fundamental e médio. Escola como muitas distribuídas pelo país que mesmo com dificuldades atendia seu público com zelo, carinho, dedicação e respeito.

Fui percebendo ao longo desse processo, que os desafios encontrados no exercício da profissão não são simples. A escola é vista muitas vezes como palco de tensões, conflitos e regras, mas também pode atuar como agente do diálogo e da preservação da vida. Como profissional da educação, falar de suicídio, doenças mentais e adolescência é extremamente desafiador, mas era preciso e necessário, visto o número de acontecimentos de tentativas de suicídio e autolesão que se configuravam no seio da escola.

Segundo Brum (2018) “quando adolescentes se matam, eles dizem algo sobre si mesmos. [...] É nas particularidades de cada história que podemos encontrar caminhos para prevenir o ato de desespero, [...] e buscar pistas para compreender o que o suicídio expressa sobre essa época”. A fase de transformações e mudanças traz com ela inúmeras questões de identidade e aceitação, e trocar diálogos com esse grupo torna-se uma ação sensível e ao mesmo tempo essencial. É nesta fase também que os problemas são maximizados e entram em colapso no ambiente onde eles passam a maior parte do tempo, que é a escola.

Desta forma, esta pesquisa se inicia da ânsia por respostas diante de percepções a respeito da fragilidade mental de alunos do ensino médio que tive a oportunidade de trabalhar. Tudo se inicia quando comecei a ser abordada com algumas histórias e fatos que aconteciam com eles ou com amigos que queriam proteger. É importante ressaltar que sempre fui muito aberta ao

diálogo e isso me proporcionou uma ligação franca e direta com meus alunos.

Ao perceber que eles, de um modo geral, sofriam com certas situações tanto em casa como na escola, me vi na obrigação de criar projetos e lugares de fala para que eles pudessem se manifestar de alguma forma. A partir daí, surgiu um projeto interdisciplinar chamado “Bate Papo Favorável”. O projeto foi idealizado e colocado em prática por mim e por outro colega também professor e tinha como objetivo trabalhar as novas disciplinas propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), envolveria as competências socioemocionais e teria a duração de um semestre.

O projeto teve por objetivo promover rodas de diálogos com os estudantes, esclarecendo dúvidas, munindo-os de informação e proporcionando que os mesmos pudessem se sentir à vontade para partilhar e trocar experiências. Desta feita, foram pensadas conversas com enfermeiras, psicólogas e outros profissionais que eles mesmos sugeriam ao longo do projeto como advogado e policial.

A cidade de Aquidauana, no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, *locus* desta pesquisa, apresenta anualmente inúmeros casos de suicídio entre jovens e tal pauta foi levantada durante a roda de conversa com a psicóloga convidada para uma conversa com os alunos. Afinal, por que o jovem/ adolescente acomete este ato violento contra si mesmo? Sobre isso Lasch (1983, p. 43) afirma que “os meios de comunicação de massa, com seu culto da celebridade e sua tentativa de cercá-la de encantamento e excitação [...] intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, [...] e torna-se cada vez mais difícil aceitar a banalidade da existência cotidiana.”

Após cada atividade proposta e desenvolvida pelo projeto “Bate Papo Favorável”, os alunos voltavam para sala de aula e continuavam dialogando sobre o assunto. Além dos diálogos, eles eram estimulados a colocar no papel aquilo que talvez não conseguiram expressar oralmente, e eram propostas atividades que poderiam ser em forma de desenhos, livretos, ilustrações, poemas ou textos. Esse material produzido pelos alunos ao longo das atividades do projeto, são analisados nesta pesquisa.

Sabemos que, a saúde mental, bem como a inteligência emocional nunca foram tão debatidas como vemos agora. Lidar com os problemas emocionais e sofrimentos dos estudantes exige, na atualidade, um espaço amplo de discussão na área da educação. É notório que vivemos uma disputa acirrada pelo sucesso, inclusive na escola, onde o estudante busca sua inserção cultural. Desta forma, o fracasso seja corporal e/ou pessoal têm provocado nesses indivíduos inúmeras consequências como depressão, dificuldade de aceitação, ansiedade e que pode levar a tentativa de suicídio ou ao suicídio.

A escola vem se reinventando ao longo dos anos e é cada vez mais bombardeada de funções que antes não eram desempenhadas por ela. Conscientizar os estudantes a respeito do valor da vida, ensiná-los como não serem influenciados e incentivá-los a construir valores morais são alguns exemplos que a escola se reinventou e se reinventa para suprir as necessidades dos estudantes.

Portanto, esta pesquisa sinaliza sobre a importância da escola e dos profissionais que nela atuam na prevenção dos casos de tentativa de suicídios e suicídios na cidade de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, analisando como os estudantes do ensino médio de uma escola estadual que sofrem com doenças e/ou transtornos mentais como a depressão estão inseridos neste contexto.

Diante disso, que repercussão o tema suicídio provoca nos profissionais da educação? Que experiências vivem os jovens e adolescentes que favorecem as condições de sofrimento e, em alguns casos, de adoecimento psíquico a ponto de tirar sua própria vida? Sendo assim, o meu objetivo é dialogar sobre saúde mental entre os jovens escolares e os profissionais da educação sob a ótica dos estudos culturais, bem como analisar e compreender o significado da tentativa e/ou suicídio para esses adolescentes na cidade de Aquidauana - MS.

As discussões desta pesquisa giram em torno de uma temática maior que é a saúde mental, aliada a importância da inteligência emocional, esses temas nunca foram tão debatidos como vemos na atualidade.

Sendo assim, nosso objetivo é dialogar sobre saúde mental entre os jovens escolares e os profissionais da educação sob a ótica dos estudos culturais, bem como analisar e compreender o significado da tentativa e/ou suicídio para esses adolescentes na cidade de Aquidauana-MS, Brasil.

Esta dissertação está dividida nas seguintes seções, à saber:

1) Parte 1 – Introdução, esboçando os caminhos que me fizeram iniciar nesta pesquisa, bem como o interesse pela temática e apresentação dos capítulos desta dissertação.

2) Parte 2 - Percurso Metodológico: explicitando o Tipo de Estudo, os Participantes, os Procedimentos Adotados, a Análise dos Dados, as Hipóteses e o Objetivo Geral e Objetivos Específicos, busco localizar o itinerário escolhido para o desenvolvimento da pesquisa.

3) Parte 3 - O adolescer e os novos desafios da educação, capítulo composto de subcapítulos: - Pubescente: transições e descobertas, discorrendo de forma objetiva os sujeitos desta pesquisa: os adolescentes, observando as características peculiares desta fase da vida; - O papel da escola, traçando um panorama dos desafios da educação; dissertando sobre documentos e leis sobre a educação integral; -As competências socioemocionais na educação e a BNCC,

salientando novas diretrizes e as competências socioemocionais, esclarecendo sobre este documento norteador e sua prática escolar.

4) Parte 4 - Os estudos culturais e o suicídio, com dois subcapítulos: -Contexto histórico e cultural esboçando um panorama histórico e cultural a respeito do suicídio e -As relações entre a influência do estado, o poder e o suicídio, evidenciando as conexões entre o desejo de morte e a decisão pela vida.

5) Parte 5 - Sociedade do desencanto e do vazio: suicídio, educação e mídia, com cinco subcapítulos: -Hipermodernidade e desencantamento frente ao outro e ao mundo, percorrendo por meio dos estudos culturais como a mídia propaga o suicídio; -A representação e a disseminação do suicídio nas mídias, evidenciando como esta temática tem chegado até os jovens através de séries, filmes e jogos; e -As relações sociais na era digital, enfatizando como se dá a criação de vínculos afetivos na era tecnológica;

Por fim, apresenta-se os resultados e discussões com dois subcapítulos: as narrativas dos profissionais da educação e as produções dos estudantes: subjetividades e representações e as considerações finais.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Tipo de Estudo

Estudo do tipo qualitativo, exploratório-descritivo. A pesquisa exploratória pode proporcionar maior familiaridade com o problema (Gil, 2008) e nesse estudo optou-se pelo levantamento bibliográfico e entrevistas com alunos e profissionais da educação. A parte descritiva buscou descrever as características da população estudada e fenômenos observados (Gil, 2008) por meio da formação de grupos de discussão com os alunos, para isso foi realizada a coleta de dados com profissionais da educação com os questionários aplicados e as análises dos materiais produzidos pelos alunos.

2.2 Participantes e *Locus* de Pesquisa

Este estudo foi desenvolvido em uma escola estadual do município de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, a partir de um projeto escolar denominado “Bate Papo Favorável” desenvolvido por dois professores para alunos do Ensino Médio. Profissionais de várias áreas de atuação como psicólogos, enfermeiros, fotógrafo, historiador/pesquisador e policial participaram e dialogaram com os alunos sobre diversas temáticas relacionadas a adolescência, saúde mental e suicídio. Também foram convidados para participar da presente pesquisa, os professores, coordenadores e direção da escola.

2.3 Procedimentos

O projeto denominado “Bate Papo Favorável” reuniu profissionais de diferentes áreas para debater assuntos relacionados a adolescência, saúde mental e suicídio entre alunos do ensino médio. Tal projeto foi desenvolvido nas disciplinas eletivas de Protagonismo Juvenil e Projeto de Vida, dispostas a partir da Base Nacional Comum (BNCC) a fim de trabalhar as competências socioemocionais, apenas durante um semestre. Tais disciplinas não possuem currículo, portanto foi possível trabalhar o projeto de forma interdisciplinar em forma de encontros. Dentre esses encontros, uma psicóloga foi convidada a discorrer sobre assuntos relacionados a bullying, depressão, suicídio e outros temas relacionados a adolescência. Nesta conversa, os alunos puderam fazer questionamentos e dar opiniões sobre diversos assuntos.

Após o bate papo com os profissionais, ao retornarem para a sala de aula, os alunos continuam a dialogar com a professora, por se tratar de temas abrangentes, visto

que agora comum número menor de ouvintes, é provável que se sintam mais a vontade para expôr suas opiniões.

Foi solicitado aos alunos que colocassem no papel, em forma de escrita, desenho, história ou livretos aquilo que eles sentiram depois do diálogo do projeto, ou aquilo que eles não conseguiram expressar oralmente e em público. Depois de prontos, os trabalhos eram entregues a professora. Vale ressaltar que se tratam de alunos do ensino médio, de quatorze a dezessete anos de idade.

Em relação as entrevistas com a equipe de professores, direção e coordenação da escola para emitir opinião sobre o projeto, objetivou-se obter uma amostra representativa em termos de diversidade profissional, foi incluído pelo menos um participante de cada categoria profissional do grupo de serviços da escola, sendo eles, dois professores, a diretora da unidade escolar e a inspetora de alunos. É importante dizer que, tanto os professores quanto a diretora da escola atuam na unidade escolar a mais de quinze anos e a inspetora a aproximadamente seis anos. A inclusão de uma maior variedade de participantes torna possível obter diferentes pontos de vista em relação ao assunto, visto que são pessoas que lidam diariamente com os estudantes em momentos e de formas diferenciadas.

A coleta de dados foi realizada utilizando entrevista semiestruturada. Os entrevistadores seguiram um roteiro com perguntas norteadoras. Para tanto, foram realizadas quatro entrevistas de forma individual e espontânea, sendo que os profissionais entrevistados foram voluntários. Assim, os profissionais responderam a entrevista a próprio punho, sendo que a entrevistadora estava próxima para sanar qualquer dúvida relacionada às questões.

2.4 Análise dos Dados

Por ser um estudo qualitativo serão feitas análises dos desenhos, ilustrações e produções dos alunos, assim como da pesquisa com os profissionais da educação sob a ótica da teoria dos autores dos Estudos Culturais.

2.5 Hipóteses

O suicídio ou a tentativa de suicídio em adolescentes e jovens tem uma relação significativa de alta incidência pela falta de diálogo/projetos/ações e espaços para discutir sobre essa temática nas escolas, fazendo com que o aluno veja a morte como solução dos problemas cotidianos.

2.6 Objetivo Geral e Específicos

A presente pesquisa objetiva analisar a produção do conhecimento produzido por alunose profissionais da educação sobre temáticas como adolescência, saúde mental, suicídio e autolesão sob a ótica dos estudos culturais, bem como analisar e compreender o significado da tentativa e/ou suicídio para adolescentes na cidade de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil.

Em relação aos Objetivos Específicos, será possível:

- - Analisar o papel da escola no desenvolvimento do estudante;
- Discorrer sobre o papel da escola no desenvolvimento do estudante de ensino médio, discutindo aspectos como a transmissão de conhecimento;
- Esboçar como as competências socioemocionais dispostas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) podem colaborar no desenvolvimento dos estudantes;
- Ilustrar o contexto histórico e cultural da saúde mental e do suicídio entre jovens e adolescentes;
- Compreender como a indústria cultural e as relações de poder influenciam no dia a dia deste público-alvo;
- Apresentar a percepção dos profissionais da educação em relação a temática do suicídio;
- Examinar as produções realizadas pelos estudantes;
- Relacionar os resultados da pesquisa a fim de propor caminhos para prevenção do suicídio entre jovens e adolescentes em idade escolar.

3. O ADOLESCER E OS NOVOS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

3.1 Pubescente: transições e descobertas

A adolescência é conhecida como a fase da “rebeldia” sem causa, onde o mundo infantil transita para o mundo adolescente e é durante esta transformação corporal e emocional que os conflitos internos e externos explodem. Para Silva (2010), “[...] a adolescência é considerada um dos períodos mais propícios ao suicídio, pelas mudanças e adaptações por que passa o indivíduo em várias dimensões de sua vida”. Nessa fase, há o conflito com o início das relações sexuais, momentos de incerteza, insegurança, ansiedade, isolamento, transtornos de vínculos afetivos, consolidação de autoimagem e autoestima, amadurecimento emocional e mental, questionamentos sobre imposições, regras, valores, transgressões dessas regras, imediatismo, sentimento de onipotência, indestrutibilidade (SILVA, 2010, p. 15).

Segundo a autora, na fase adolescente os jovens são desafiados a se encaixarem em certos padrões os que os deixam com uma extrema carga de ansiedade e insegurança. A palavra adolescência do verbo latim (ad=para e olescere=crescer) significa uma fase de crescimento, desenvolvimento e amadurecimento, onde acontecem as mudanças físicas e sociais, sendo que seu início é marcado pela puberdade (TRAVERSO-YEPEZ; PINHEIRO, 2002).

Segundo a OMS (2000) a faixa etária do adolescente varia entre 15 e 19 anos podendo variar de acordo com a cultura e época em que o indivíduo está inserido. A organização salienta que, nesta fase o adolescente busca sua identidade e as transformações corporais, fisiológicas e sociais fazem parte desta fase (OMS, 2000).

Neste sentido, podemos afirmar que se trata de uma autoconstrução, onde o adolescente está em busca do autoconhecimento, da autoaceitação e de um lugar que possa ser quem ele é sem julgamentos e conceitos.

A crise adolescente apontada por Silva (2010, p. 22) consiste no rompimento do ser infantil para o ser jovem. Nesta fase o adolescente deixa de ser visto como criança, porém a autora acredita que é justamente nesta fase que a atenção deve ser redobrada, pois os mesmos ainda carregam a invulnerabilidade de criança e acabam se expondo a situações de perigo sem acreditar nos riscos, que inclusive pode levar à morte (SILVA, 2010, p. 23).

A este respeito, Feijó e Oliveira (2001, p. 125-133) discutem que o adolescente quer explorar esta nova fase e acabam por experimentar atividades que colocam em risco sua integridade física e mental, especialmente influenciados pelo meio em que estão

inseridos.

Portanto, é importante frisar a respeito do suicídio nesta fase que ao passar por essas mudanças, sendo atingidos negativamente por elas, os adolescentes buscam no suicídio o fim do problema. Resmini (2004, p. 81) afirma que, o suicídio na adolescência é uma conduta significativa representando o fim dos conflitos vivenciados pelos jovens, em suas palavras

É como se abrissemos o segredo do prisma no qual estão cristalizados os conflitos. Como quando a luz passa através de um prisma e se reparte iluminando em diversas direções, pela decodificação da tentativa de suicídio conseguimos iluminar e compreender o universo multifacetado do adolescente (RESMINI, 2004, p. 81).

Jans et al. (2020, p. 13), destaca que os principais fatores de risco para o suicídio entre adolescentes estão relacionados a psicopatologias, fatores familiares, abusos e/ou exposição a próprio suicídio conforme o Quadro I.

Quadro I - Fatores de risco para o suicídio

Tentativa de suicídio anterior
Psicopatologia
– Especialmente transtorno depressivo maior, transtorno bipolar, transtorno de conduta e transtornos por uso de substâncias
– Comorbidade psiquiátrica, especialmente a combinação de transtornos de humor, transtornos disruptivos de e uso de substâncias
– Traços de personalidade disfuncional (especialmente os traços antissocial, <i>borderline</i> , histriônico e narcisista)
– Sentimentos de desesperança e de inutilidade
– Agressão Impulsiva: a tendência a reagir à frustração ou provocação com hostilidade ou agressão
Fatores familiares
– História familiar de depressão ou suicídio
– Perda de um dos pais por morte ou divórcio
– Conflito Familiar
O abuso físico e sexual
A falta de uma rede de apoio, empobrecimento de relações com pares e sentimentos de isolamento social
"Revelar-se" ou lidar com sentimentos homossexuais sem o apoio necessário nos ambientes familiar, comunitário ou escolar
Disponibilidade de meios letais
Ter sido exposto ao suicídio (por exemplo, suicídio ou tentativa de suicídio em membros da família ou amigos; relatos na mídia)

Fonte: Jans et al (2020).

Desta forma, o adolescente é um sujeito de transições e dialogar sobre esta fase, suas transformações e conflitos é necessário a fim de conter problemas psicológicos e emocionais, além de ser uma forma de promover a vida e evitar o suicídio.

Pesquisas (Braga e Dell'Aglio, 2013; Oliveira et al. 2017; Schlösser et al., 2014)

tem evidenciado quais os indicadores de riscos pessoais, ambientais e sociais relacionados a tentativas suicidas, dentre os quais: ideação suicida, tentativa prévia de suicídio, transtornos mentais como depressão e ansiedade, impulsividade, rigidez cognitiva, uso de drogas lícitas ou ilícitas, relações interpessoais conflituosas com familiares e com grupos sociais dos quais faz parte, desesperança, exposição à violência na família como abuso físico e sexual e na comunidade como *bullying* e homofobia, pobreza, percepção precária de suporte familiar e social, ausência de serviços públicos de saúde mental.

Segundo Braga e Dell'Aglio (2013) e Schlösser et al. (2014) podemos citar também indicadores de proteção individuais e contextuais do suicídio na transição para a vida adulta, dentre eles: autoeficácia, autoestima, sentido de vida, habilidades sociais e de vida como empatia, comunicação eficaz, assertividade, lidar com estresse e resolução de problemas, integração e bom convívio com familiares e grupos sociais, religiosidade, percepção de apoio social e acesso aos serviços públicos de saúde mental.

Fica evidente que os adolescentes são influenciados pelo meio em que estão inseridos. Na atualidade esse jovem está cada vez mais imerso no virtual e suas relações interpessoais se baseiam na família e no convívio escolar e é sobre este espaço que vamos abordar no próximo tópico.

3.2 O papel da escola

A escola precisa repensar seus métodos para atender seu público com equidade. Este capítulo não começa assim por acaso. Esta afirmação pretende acender uma luz para mostrar que a educação está em constante transformação e que pensar na educação integral é repensar no que a escola tem feito até aqui. Júlia (2001) afirma que

Nós vivemos um momento inédito da história, o da individualização das crenças, em que a escola deve repensar sua articulação entre a sua virada universalista e o pluralismo do público que ela recebe, entre a esfera pública e a vida privada, protegendo a infância das agressões do mundo adulto, sem, contudo, deixá-la ignorar os conflitos que o atravessam (JULIA, 2001, p.9).

Segundo a autora, a escola precisa se articular entre o conhecimento e os conflitos vividos pelos estudantes respeitando suas diferenças. Vale ressaltar que a escola é composta por inúmeros sujeitos singulares e pensar num todo respeitando a individualidade de cada um é uma tarefa complexa. Mas o que é educação?

De acordo com Barbosa (2004, p. 45), “a educação é um processo permanente e inerente ao viver, ou seja, na medida em que vivemos em diferentes situações, estamos nos educando.” Neste sentido, todos estão em constante reconstrução e as instituições sociais como a família e a escola exercem uma função essencial na formação do ser humano. Ainda segundo a autora, o dia a dia é educativo, isto é, as pessoas vão criando e recriando formas de vida e interações sociais diariamente. E qual o real papel da escola?

Segundo Chagas e Pedrosa (2016) e Moretti e Hubner (2017) os espaços educativos ainda são caracterizados por relações interpessoais individualistas e competitivas, e as dificuldades de aprendizagem são tratadas muitas vezes com uso abusivo de medicamentos psicotrópicos, sem considerar aspectos relacionais, sociais e políticos. Sendo assim, o papel fundamental da escola vai além do conhecimento, cabe a ela valorizar a vida e promover valores como a dignidade e o caráter. Para a autora, o grande desafio é transformar a escola num espaço formador de posturas críticas, reflexivas e de inserção social (BARBOSA, 2004, p. 46). Porém, como trabalhar esses desafios na escola? Será que a Base Nacional Curricular Comum, a BNCC, lançada em 2017, corrobora para tal feito?

De Moraes (2002), salienta que os novos paradigmas da educação contemporânea estão embasados nos pressupostos de que “a educação é um sistema interconectado com os problemas conjunturais da sociedade, em vez de fragmentado e localizado, tanto em termos de políticas como de planejamento”, ou seja, os objetos de conhecimento são globais e multidimensionais. O autor destaca que “o foco da educação é o aprendiz, e o processo educativo leva em conta suas peculiaridades, tratando-o como portador de uma natureza indivisa, traduzida em corpo, mente e espírito”, isto é, o estudante é o protagonista, porém não é só o cognitivo que importa, é necessário desenvolver competências psicológicas, afetivas, emocionais, socioculturais e interacionais.

De Moraes (2002) afirma ainda que “as fontes de informação, de solução de problemas, de investigação e de crítica são oriundas não apenas das experiências escolares”, ou seja, elas advêm das interações dos sujeitos educacionais com o meio ambiente, com o outro e com a cultura em que está inserido.

Sawaya (2002) afirma que, a escola é entendida como um espaço de desenvolvimento psicossocial, porém também é palco de muitos conflitos. Para a autora, a escola possui função social e política, pois se trata de um lugar onde a cidadania e o desenvolvimento das habilidades são promovidos.

Tem sido muito frequente que escolas procurem diferentes profissionais do campo psi preocupadas em trabalhar com a questão da desmotivação e depressão que encontram em vários de seus alunos, assim como com situações de linchamentos virtuais e intolerâncias produzidos entre eles. Apresentam-se também recorrentes casos de cortes, passagens ao ato, e até mesmo suicídios entre jovens nos últimos tempos (JERUSALINSKY, 2018).

Dessa forma, segundo Orpinas (2009) a escola é um local privilegiado para o fortalecimento das relações construtivas e saudáveis. É claro que, neste espaço os conflitos são maximizados, especialmente por causa da diversidade de pensamentos que se perpassam. Sendo assim, o ambiente escolar precisa criar formas estratégicas de mediação para desempenhar sua função adequadamente, pois é através da educação que os seres humanos se transformam e se aperfeiçoam (LISBOA, BRAGA e EBERT, 2009, p. 59-71). É preciso, portanto, construir este espaço, promotor da vida, como "produto e processo que impõem significado às práticas humanas" (MENEGAZZO, 2001, p. 71).

Na década de 1990, o Brasil passou por grandes debates sobre educação e cidadania. Frutos dessas discussões dois grandes documentos foram instaurados no país, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) reformulada em 1996.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069 de 1990, foi criado para promover a cidadania, desenvolvendo plenamente as competências e habilidades das crianças, adolescentes e jovens. O ECA prevê

Art. 53, que a criança e o adolescente têm direito à educação, **visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa**, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes (...) igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL, 1990, grifo da autora).

Neste cenário, fica evidente que a educação passa a ser direito de todas as crianças e adolescentes e que seu objetivo é o desenvolvimento global da pessoa humana. O ECA é uma tradução dos princípios da Declaração Universal dos Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas (ONU, 1959). Este documento norteador em seu artigo 7º salienta que

A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória pelo menos no grau primário. Ser-lhe-á propiciada uma

educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, **em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social**, e a tornar-se um membro útil da sociedade (ONU, 1959, grifo da autora).

Sendo assim, o ECA (1990) corrobora com o documento da ONU (1959) afirmando que a educação precisa produzir efeito nas crianças e adolescentes de modo que esses sejam capazes de se desenvolver igualmente aprimorando suas habilidades, além de saberem discernir sobre os desafios e responsabilidades ao longo da vida.

Neste sentido, fica claro que a educação precisa ser feita de maneira integral, onde o cognitivo e outras habilidades possam ser desenvolvidos juntos, ou seja, a escola a partir dessas discussões vai além dos conteúdos proporcionando aos estudantes uma educação que compreenda outros aspectos como social e emocional.

Cabe ressaltar que, na atualidade a busca pela perfeição e comparativismo excessivo tem prejudicado o desenvolvimento dos jovens. Como já levantado neste trabalho, na escola conflitos são maximizados e apesar dos documentos se debruçarem na busca de uma educação global, é preciso ressaltar que os alunos encontrarão problemas e terão que lidar com eles, bem como com a aceitação corporal, cognitiva e emocional, ou seja, não há um padrão para que esse estudante seja pleno, cada um na sua singularidade despertará suas competências e habilidades.

Outro documento norteador na educação brasileira é a Lei 9.394/96 que estabelece a Lei de diretrizes e base da educação nacional, nomeada de nova LDB. A LDB (1996) tem por finalidade principalmente estabelecer a função do Estado como provedor de qualidade de vida e equidade. No artigo 2º da LDB a pessoa humana é definida pela tríplex capacidade de

- a) adquirir pleno desenvolvimento pessoal;
- b) inserir-se nas relações políticas;
- c) qualificar-se para o trabalho. Educa-se o povo para capacitar qualquer pessoa para desenvolver a plenitude de si mesma; envolver-se com as demais e produzir (BRASIL, 1996).

É interessante compreender que a LDB também evidencia a importância de se educar plenamente, onde o estudante é conhecedor de si mesmo e suas possibilidades. Este documento enfatiza também a formação do ser cidadão, do sujeito crítico, autônomo e protagonista, em seu artigo 22º a Lei

[...] supõe que a escolarização obrigatória seja capaz de formar para a cidadania. A educação é concebida como um meio para atingir a “finalidade” do ser humano como sujeito autônomo, político e produtivo (BRASIL, 1996).

Portanto, a finalidade prioritária da educação, segundo a LDB, seria proporcionar o desenvolvimento completo, pleno e integral dos educandos, sendo papel da educação contribuir para que o estudante se desenvolva também psicologicamente de forma harmônica e progressiva evoluindo cognitivamente.

É importante perceber que o ECA (1990), a Declaração da ONU (1959) e a LDB (1996) dialogam entre si em relação ao direito à educação plena do estudante, ou seja, esses documentos salientam a importância da escola ir além do cognitivo e desenvolver nos estudantes consciência cidadã e moral, proporcionando ao educando plena ciência de si, de suas competências e habilidades.

Portanto, não se trata de uma discussão recente ou descoberta atual, desenvolver habilidades emocionais e sociais nos estudantes já são apresentados como prioridade há um bom tempo na educação, porém faltava delimitar seus campos e meios de aplicação na prática diária da escola. No ano de 2017, surge um novo documento para a educação, a Base Nacional Curricular Comum, abordando as competências socioemocionais, e é a este respeito que vamos discorrer ao longo do próximo tópico.

3.3 As competências socioemocionais na educação e a BNCC

A Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE) lançou, em 2015, o documento “Competências para o progresso social - o poder das competências socioemocionais”. Este documento enfatiza que é necessário difundir nas crianças e adolescentes um

“[...] conjunto equilibrado de competências cognitivas e socioemocionais para ser bem-sucedidos na vida moderna, [...] elevando a chance de se formar em universidades, ter vida saudável e se afastar de comportamentos agressivos” (OCDE, 2015, pág. 3).

Diante desse novo cenário de atuação da escola, o aprendizado socioemocional é uma das habilidades que devem ser aprimoradas no ambiente escolar. Segundo esse documento da OCDE, essas habilidades devem permanecer durante toda a vida escolar e acadêmica dos alunos e as instituições de ensino devem transpor os conteúdos pedagógicos, ensinando aos estudantes finalidades para sua própria vida, como se

relacionar ou trabalhar em equipe, e até a lidar com valores e opiniões divergentes, o documento ainda define competências socioemocionais como

“capacidades individuais que podem ser manifestadas com um padrão consistente de pensamentos, sentimentos e comportamentos, desenvolvidas por meio de experiências de aprendizagem formais e informais; e importantes impulsionadoras de resultados socioeconômicos ao longo da vida do indivíduo” (OCDE, 2015, pág. 35).

Esta definição dada pela OCDE para as competências socioemocionais é baseada no Modelo dos Cinco Grandes Fatores, o *Big Five*, um sistema de classificação de traços da personalidade que distingue cinco categorias de modo abrangente: extroversão; amabilidade, conscientização; estabilidade emocional; e abertura a novas experiências (OCDE, 2015).

A OCDE destaca que as competências cognitivas (Imagem 1) estão envolvidas no processo de aquisição e aplicação do conhecimento e dividem-se na capacidade cognitiva básica, no conhecimento adquirido e no conhecimento extrapolado, sendo o último responsável pela reconstrução de um conceito a partir de novas situações (OCDE, 2015, p. 35).

Imagem 1 – Competências cognitivas e socioemocionais



Fonte: OCDE (2015, p. 34).

As competências socioemocionais contempladas na Imagem 1, mostram o trabalho em equipe e a boa administração das emoções como autoestima, persistência,

autocontrole, diminuição da agressividade, cordialidade, nível de satisfação, cooperação social, responsabilidade pela própria vida, capacidade de lidar com problemas, perseverança, autoeficácia, sociabilidade, resiliência, autodisciplina, entre outras (OCDE, 2015).

No Brasil, um dos precursores deste modelo de educação é o Instituto Ayrton Senna (IAS), fundado em 1994, trata-se de uma instituição parceira da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Para o IAS e a OCDE as habilidades socioemocionais integradas ao conhecimento cognitivo, ajudam a formar cidadãos comprometidos, motivados, solidários, socialmente responsáveis e produtivos. O Instituto Ayrton Senna, um dos principais modelos em ensino integral no Brasil, destaca que

“[...] o ensino integral expande as oportunidades de aprendizagem, promovendo as competências cognitivas e socioemocionais necessárias para que nossas crianças e jovens se desenvolvam plenamente no caminho das suas escolhas e do bem coletivo” (IAS, 2018).

O IAS salienta que é função da escola proporcionar aos estudantes “buscarem uma vida plena - para conquistarem melhores oportunidades produtivas, construindo relações sociais mais estáveis e realizando projetos de vida” (IAS-UNESCO, 2015, p. 5 , orientando os alunos a “[...] buscarem o que desejam, tomarem decisões, estabelecerem objetivos e persistirem no seu alcance mesmo em situações adversas, de modo a serem protagonistas do seu próprio desenvolvimento e de suas comunidades e países” (IAS-UNESCO, 2015, p. 5).

Segundo o documento sobre competências socioemocionais elaborado pelo IAS-UNESCO (2015, p. 8), o conjunto dessas habilidades passaria a “[...] direcionar as inovações no processo de ensino aprendizagem, englobando a transformação das práticas dos professores, gestores escolares e secretarias de educação.”, ou seja, para essa instituição as competências socioemocionais é um dos caminhos para alavancar a aprendizagem e melhorar a qualidade da educação no Brasil.

Além disso, o documento relaciona o cognitivo e o socioemocional propagando a ideia “[...] de que estudantes mais organizados, focados e confiantes aprendem mais, da mesma maneira que alunos mais persistentes e resilientes tendem a se comprometer com objetivos de longo prazo e a lidar melhor com frustrações e conflitos” (IAS-UNESCO, 2015, p. 9). Desta forma, as competências socioemocionais e as competências cognitivas se completam em relação à educação integral do estudante.

O IAS-UNESCO (2015) apresenta o desenvolvimento de um conjunto de competências explanadas a partir de cinco políticas públicas para a construção socioemocional na educação

1. Reestruturação dos currículos: diretrizes para incluir tempos e espaços que permitam componentes curriculares inovadores, bem como para dar tratamento integrador aos conhecimentos disciplinares entre si e destes com os anseios dos alunos. Tudo isso guiado por uma matriz de competências que estabeleça concretamente os resultados da aprendizagem, tanto cognitiva quanto socioemocional (alunos colaborativos, com pensamento crítico, capazes de resolver problemas).
2. Desenvolvimento de profissionais: políticas de seleção, contratação, formação e avaliação dos profissionais envolvidos, tanto docentes quanto gestores. No caso de professores, contratação em regime de dedicação integral à escola, com formação contínua e acompanhamento para lidar com inovações em suas práticas de ensino, incluindo avaliações de desempenho dos profissionais com consequentes feedbacks, orientações e práticas de desenvolvimento.
3. Parâmetros básicos de funcionamento: estabelecimento de padrões para o funcionamento das escolas que adotam essas inovações. Essas condições e os contextos locais também devem ser previamente considerados para o planejamento de escalabilidade das inovações nos diferentes modelos de escola – integral, regular, profissionalizante etc.
4. Avaliação: rotinas de avaliação integral da aprendizagem dos alunos, contemplando aspectos cognitivos e socioemocionais.
5. Institucionalização das inovações experimentadas em resoluções, portarias e decretos que normatizem as premissas e condições para sua implementação (IAS-UNESCO, 2015, p. 10-12).

Essas proposições apontam a necessidade de se repensar no currículo, a fim de contemplar este modelo educacional cognitivo e socioemocional. Assim, buscando refletir sobre as práticas formadoras dos educandos de forma integral desenvolvendo as competências socioemocionais, no ano de 2017, foi publicado a nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

Atualmente, é a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017) que orienta e normatiza as escolas do Brasil em conjunto com os documentos citados. A BNCC (2017), é um documento de caráter normativo que estabelece o conjunto de aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Na BNCC, competência é definida como

“[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos),

habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p. 8).

Dentre outras normatizações a BNCC (2017), salienta a importância de uma formação integral, ou seja, completa ao estudante. Segundo Klein (2017)

[...] A educação integral é a que: 1) exerce uma função do tipo abrangente, envolvente, integrador, compreensivo, sistêmico, sobre o processo educacional; 2) olha o sujeito a partir de vários ângulos, identificando os elementos que considera importante fomentar para que sua educação seja completa [...] (KLEIN, 2017, p. 1).

Neste sentido, a educação integral, visa o desenvolvimento do estudante como um todo, não só no cognitivo, mas também sua inteligência emocional como empatia, autocontrole, respeito, entre outros. Dito isso e dialogando com autores supracitados, cabe a reflexão, será que a BNCC realmente oferta a possibilidade de uma formação completa? Tal documento, por exemplo, não oferta discussões sobre diferença e gênero, um dos fatores indicativos de suicídio de adolescentes.

A BNCC não é um consenso entre todos os setores educacionais do Brasil. O Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN) se posicionou contrariamente à BNCC [...] “por entender que a ela está vinculada uma proposta de centralização da seleção de conteúdos e sua uniformização, baseada no argumento de autoridade dos especialistas das disciplinas”. Além de considerar a BNCC “um instrumento centralizador, autoritário, reducionista e de controle dos conteúdos a serem ministrados por professores/as da Educação Básica” (MICHETTI, 2020). A Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisas em Educação (ANPEd), por exemplo, produziu

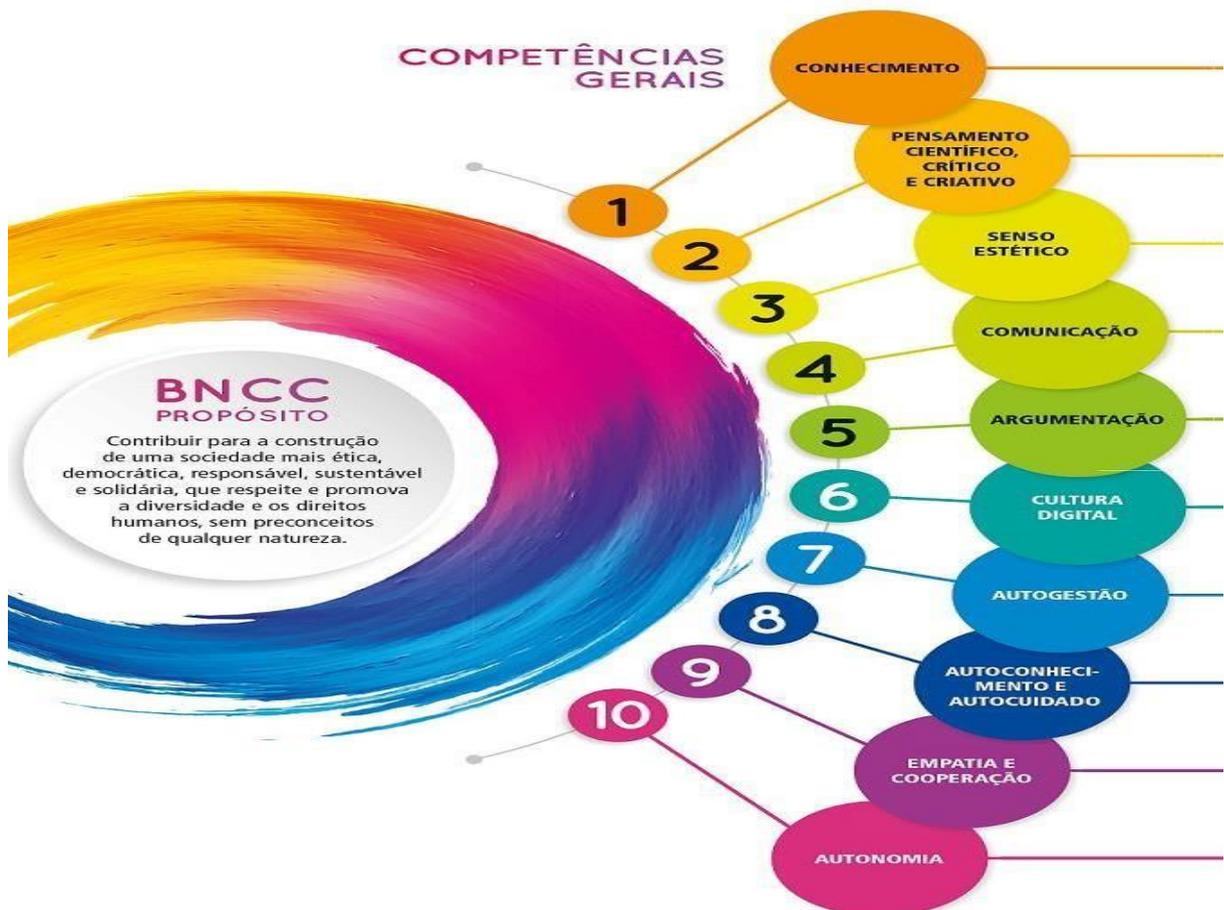
“[...] um conjunto de posicionamentos críticos acerca da proposição de uma BNCC, com críticas voltadas a subalternização do diálogo com as comunidades escolares, quanto de avaliação, de ensino e aprendizagem, na homogeneização das matrizes curriculares, na formação de professores e autonomia das escolas que se fragilizam com a lógica de centralização que a BNCC instaura na educação escola (MICHETTI, 2020).

A “Frente Parlamentar Evangélica”, chamada também de “Bancada Evangélica”, tem assumido centralidade nas discussões sobre educação na Câmara, trazendo propostas

como a retirada do termo “gênero” do PNE e da BNCC (MICHETTI, 2020). Apesar das críticas de vários órgãos ligados a educação no Brasil, a BNCC ainda vigora e continua sendo implementada nas escolas brasileiras. Importante ressaltar que este trabalho de pesquisa foi baseado nas competências socioemocionais propostas pela BNCC para as escolas.

Seguindo com as discussões das competências socioemocionais propostas pela BNCC, são apresentadas 10 competências gerais (Imagem 2) que corresponde a conhecimentos, habilidades, atividades e valores para lidar com demandas da vida diária.

Imagem 2 – Competências gerais da BNCC



Fonte: Disponível em: <https://escoladeinventor.com.br/espaco-maker-como-trabalhar-a-bncc/>

Além disso, a BNCC (2017) orienta o desenvolvimento de macro competências socioemocionais buscando o desenvolvimento pleno do estudante conforme é mostrado na Imagem 3, divididas cinco eixos, sendo distribuídas entre eles 17 competências: abertura ao novo (curiosidade para aprender, imaginação criativa e interesse artístico), consciência ou autogestão (determinação, organização, foco, persistência e responsabilidade), extroversão ou engajamento com os outros (iniciativa social, assertividade e entusiasmo), amabilidade (empatia, respeito e confiança) e estabilidade ou resiliência emocional (autoconfiança, tolerância ao estresse e à frustração).

Imagem 3 – Competências socioemocionais BNCC



Fonte: Disponível em: <https://institutoayrtonsenne.org.br/pt-br/BNCC/desenvolvimento.html>

Desta forma, podemos perceber que as 10 competências gerais trazidas pela BNCC, estão interligadas com as 22 competências socioemocionais também contempladas neste documento. Isso significa possibilitar aos estudantes tanto a aprendizagem de qualidade em habilidades cognitivas previstas nos componentes curriculares das mais variadas disciplinas quanto ao aprimoramento de habilidades que possibilitem os estudantes colocar em prática conhecimentos e valores importantes para a relação com os outros e com eles mesmos.

Portanto, trabalhar as competências gerais e socioemocionais na escola é criar novas possibilidades de enfrentamento à realidade que muitas vezes é de violência, pobreza e estrutura familiar. Ao saber lidar com seus sentimentos e sensações os jovens

e adolescentesterão a oportunidade de lidar com os desafios e conflitos de maneira criativa e construtiva.

4. OS ESTUDOS CULTURAIS E O SUICÍDIO

4.1 Contexto histórico e cultural

Os Estudos Culturais (EC) surgiram a partir do séc. XX para abordar temas e assuntos até então não tratados pelas teorias tradicionais ou então apresentados de forma pouco aprofundada. Os EC são estudos realizados a partir das relações humanas, de diálogos com grupos socialmente desprestigiados e investigações de práticas culturais (MEIHY, 2017, p.99). Outra característica dos Estudos Culturais, segundo Pina (2003) consiste no compromisso cívico e político de estudar o mundo, de modo a poder intervir nele com mais rigor e eficácia, construindo conhecimentos relevantes para a sociedade. Se existe algum método nos Estudos Culturais, este compreende na contestação dos limites socialmente construídos nas mais diversas realidades humanas (BAPTISTA, 2009, p. 452).

Para Cevasco (2003, p. 60-78), os Estudos Culturais têm como enfoque principal desmembrar o que é cultura e aonde ela nos leva compreendendo suas múltiplas dimensões e dinâmicas nas sociedades. O conceito de cultura a partir dos Estudos Culturais constitui “um padrão de organização [com] características de energia humana passíveis de serem descobertas como reveladoras de si mesmas, dentro de identidades, correspondências, descontinuidades inesperadas ou subjacentes a todas as práticas culturais” (HALL, 2005, p. 136).

Partindo do pressuposto de Hall (1972) em que o autor afirma que os Estudos Culturais são geneticamente ligados a um modo de produção de análise cultural e que articula inquietações simultaneamente teóricas e preocupações concretas a sociedade, o presente estudo visa aprofundar-se na temática suicídio e autolesão, delineando esse percurso com base na teoria e nos autores dos Estudos Culturais.

O suicídio é definido como o “ato ou efeito de suicidar-se” e suicidar-se como “dar a morte a si próprio”. Para Funk e Wagnalls (1987) é um ato tipicamente humano e que, surge em todas as sociedades, em todas as épocas e esses autores apontam que existem diferenças profundas nas sociedades em geral sobre o ato do suicídio.

Assim, ao longo da história, diversas culturas foram estudadas e reconhecidas em suas particularidades como, por exemplo, culturas que respaldam a autoagressão e/ou suicídio como *seppuku* no Japão (DESJARLAIS, 1997) ou ainda o ritual *sati*, na Índia, que permitia as viúvas hindus se matarem a fim de honrar seus maridos e familiares (SPIVAK, 2010). Neste sentido,

A morte do suicida é diferente. Pois ela não é coisa que venha de fora, mas gesto que nasce de dentro. O seu cadáver é o seu último acorde, término de uma melodia que vinha sendo preparada no silêncio do seu ser... Mas no corpo do suicida encontra-se uma melodia para ser ouvida. Ele deseja ser ouvido. Para ele valem as palavras de César Vallejo: “su cadáver estava lleno de mundo”. O seu silêncio é um pedido para que ouçamos uma história cujo acorde necessário e final é aquele mesmo, um corpo sem vida (ALVES, 1991, p. 12).

Além disso, nas últimas décadas o paradigma de saúde mental cresceu, passando a considerar não só a questão genética e biológica, mas fatores psicológicos, sociais e culturais como um todo (ESTANISLAU, 2014). Desse modo, a saúde mental, bem como a inteligência emocional nunca foram tão debatidas como nos dias atuais.

De acordo com a (Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) “saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a mera ausência de doença ou enfermidade”, sendo que, vários motivos podem influenciar e colocar em risco a saúde mental das pessoas como súbitas mudanças sociais, estresse, discriminação de gênero, exclusão social, estilo de vida, violência e violação dos direitos humanos (OMS, 2016).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde mental como “um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com os estresses cotidianos, pode trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir para sua comunidade” (OMS, 2016).

Ao longo dos séculos vários foram os autores que se dedicaram a pesquisa sobre saúde e saúde mental, assim como inúmeros foram os conceitos levantados sobre normalidade e patologia.

Sigmund Freud (1917), por exemplo, em sua obra *Luto e Melancolia* diferencia o sujeito de luto do sujeito melancólico, onde o melancólico simboliza o sujeito que busca o assassinato de si mesmo, ou seja, o suicida. O melancólico abandona-se em si com violência, se odiando, se rejeitando e desejando uma vingança contra si. Para o autor o eu do melancólico “se repreende”, “se envelhece, esperando ser expulso e punido. Degrada-se perante todos, e sente comiseração por seus próprios parentes por estarem ligados a uma pessoa tão desprezível” (Freud, 1917).

Já Foucault apresenta o suicídio como pensamento desviante, visto que para ele, o ser é político, produtivo e disciplinado e o indivíduo que possui pensamentos suicidas desvia da sua funcionalidade, ou seja, produtividade e sentido da vida. Consequentemente, vale ressaltar que, o conceito de normal e patológico se modifica de acordo com a cultura

e a época em que determinada sociedade está inserida.

A este respeito, Bock et al. (2001) afirmam que o conceito de normalidade depende exclusivamente da cultura de determinada sociedade, visto que, “o que numa sociedade é considerado normal, adequado, aceito ou mesmo valorizado, em outra sociedade ou em outro momento histórico pode ser considerado anormal, desviante ou patológico”.

Devereux (1971, p. 23-49) destaca que, “a chave para a saúde mental será justamente a capacidade de ajustamento às transformações”, ou seja, a capacidade de se adaptar as circunstâncias do dia a dia e resolver problemas. Sobre isto, Canguilhem (1990) salienta que, a saúde é decorrente tanto da esfera biológica quanto do modo de vida, isto é, como uma consequência de uma determinada forma de viver.

O adolescente ao se deparar com sua formação/transformação interpessoal, mudanças corporais e emocionais, falta ou ausência familiar, cobrança escolar, casos de bullying, assédio sexual e discriminação muitas vezes não consegue lidar com essas situações, que emergem em inúmeros casos de doenças e transtornos mentais como a depressão, o que levam a tentativa de suicídio e ao suicídio (KRÜGER, 2010). Para o Núcleo de Estudos do Suicídio (2002) quando um jovem se suicida, toda sociedade perde

“Não é fácil entendermos os múltiplos factores – internos e externos – e os vários contextos – familiares, culturais, psicossociais – que podem conduzir um(a) jovem ao suicídio. Quão confuso e desesperado se sentirá um(a) jovem para, num derradeiro acto, tentar a sua morte? Se um(a) jovem se suicida é porque não conseguiu encontrar razão e estímulo para viver, não suportou as suas preocupações, não foi capaz de perceber a vida ou não encontrou quem o auxiliasse a equilibrar-se. E então, um pedaço de nós, morre com ele” (NÚCLEO DE ESTUDOS DO SUICÍDIO, 2002).

Baggio e seus colaboradores (2009) destacam que, neste cenário, a escola tem papel imprescindível para a promoção e proteção da saúde dos alunos. É neste local que podem eclodir padrões de comportamentos e relacionamentos de risco a saúde dos adolescentes. Portanto, a escola pode ser estratégica ao identificar precocemente situações problemáticas, visto que questões familiares, grupo de amigos e escola são de extrema relevância para a qualidade de vida do adolescente.

Segundo Teixeira (2001) no Brasil, não se fala de prevenção ao suicídio em escolas, fato esse ainda recorrente, que mesmo “conhecedoras do problema, assistem silenciosamente às tragédias que acontecem com seus alunos. Juntem-se a esse contexto

os serviços de saúde e a comunidade local”.

Povos como os americanos do norte, conforme dados da American Foundation for Suicide Prevention (AFSP), os ingleses, através do Brent Adolescent Centre/ Centre for Research into Adolescent Breakdown, os franceses, com programas nacionais de prevenção de suicídio – como a primeira Conférence Nationale de Santé, em 1996, que identificou tal prevenção como uma das dezprioridades nacionais de saúde pública –, intensificam esforços para fortalecer seus programas de prevenção (TEIXEIRA, 2001, p. 5).

Conforme a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2009) os transtornos mentais mais comuns são a depressão, as dependências de álcool e outras drogas, e o transtorno do humor bipolar, associados ao suicídio, sendo que o ato do suicídio é mais comum entre homens e a tentativa de suicídio entre as mulheres (OMS, 2016). Bock et al (2001) salientam que, ao falar sobre doença falamos sobre cura e prevenção e quando pensamos em saúde devemos pensar em promovê-la em suas palavras

Falar em doença implica pensar na cura [...] Falar em doença implica pensar, também, em prevenção. A prevenção da doença mental significa criar estratégias para evitar o seu aparecimento. [...] E falar em saúde significa pensar em promoção da saúde mental, que implica pensar o homem como totalidade, isto é, como ser biológico, psicológico e sociológico e, ao mesmo tempo, em todas as condições de vida que visam propiciar-lhe bem-estar físico, mental e social.

A palavra suicídio tem origem no latim nas palavras *sui*-si mesmo e *caedes*-ação de matar (CASSORLA, 1998, p. 7-22). Definido pelo Código Internacional de Doenças (CID-10) como morte decorrente de “lesões autoprovocadas intencionalmente” por diversos métodos (CID-10, 1993), associa-se a ele inúmeros fatores sociológicos, econômicos, políticos, religiosos, culturais, psicológicos, psicopatológicos, genéticos e biológicos (ROY, 1999).

Ferreira Junior (2015) define suicídio como ato ou efeito de suicidar-se e suicidar-se como dar a morte a si mesmo, arruinando a si próprio, se perdendo, sendo que este ato é caracteristicamente humano e recorrente em todas as sociedades desde os tempos primórdios. Falar sobre suicídio ainda é um grande tabu. Mesmo sabendo que existem inúmeros casos diariamente em todo o mundo e que o suicídio está entre as dez maiores causas de morte em todos os países, trata-se de um tema o qual as pessoas se distanciam e o repelem (SILVA, 2010).

Ao longo dos anos vários registros foram feitos desde a pré-história sobre o

suicídio, sendo modificado ao longo do tempo seu significado pela sociedade. Corrêa e Barrero (2006) afirmam que em alguns países o suicídio é tolerado, em outros, condenado e, em outros, aceitos sob determinadas situações. Os autores apontam que na Grécia antiga o suicídio era visto como subsistência, por causa da comida, sendo que quando a fome deixou de ser problema, leis foram criadas para que o costume fosse alterado.

Nesta vertente, Silva (1997) destaca que na Grécia, em tempos menos remotos, uma pessoa não podia se matar sem o aval da comunidade, porque o suicídio representava uma violação contra a estrutura desta comunidade. Quem cometesse suicídio não contava com as honras fúnebres e sua mão era amputada e enterrada à parte. Era o estado que detinha o poder para autorizar ou não um suicídio, bem como para induzi-lo, como por exemplo, em 399 a.C., com Sócrates que foi obrigado a se envenenar (SILVA, 1997).

Werlang e Asnis (2004) ressaltam que durante a república romana, existiu uma normatização do suicídio diferente à dos gregos. A pessoa que quisesse se matar deveria expor suas razões ao Senado que decidiria se o motivo era válido ou não. Desta forma, o suicídio passou a ser aceito em determinadas circunstâncias.

Dentro do contexto histórico é possível perceber o quanto as crenças e religiosidade pesam em relação ao suicídio. Silva (2010, p. 29) aponta que, “as religiões, em sua totalidade, condenam a prática do suicídio, por considerarem a vida como um sagrado dom de Deus, do qual o ser humano não tem o direito de dispor voluntariamente”. Dantas (2005) destaca que, com o surgimento do cristianismo o suicídio foi totalmente condenado no séc. V por Santo Agostinho e pelo Concílio de Arles (452 d.C.), culminando com a condenação expressa de todas as formas de suicídio no “*Decret de Gratien*”, um compêndio de direito canônico do século XIII.

Para Santo Agostinho, o suicídio era essencialmente um pecado, os suicidas eram privados dos ritos fúnebres da igreja, não podiam ser enterrados em cemitérios abençoados pela igreja e a lei medieval promovia o confisco dos bens do suicida, e a cultura e os costumes da época permitiam a mutilação do corpo (DANTAS, 2005).

É essencial salientar que nem sempre o suicídio foi visto como tabu como já levantado neste trabalho, mas um ritual e até mesmo um ato de bravura como no Império Romano e Grego pré-cristão, por exemplo, quando o suicídio era um ato aprovado e às vezes até honroso quando aceito pelo Senado ou uma transgressão quando negado (RIBEIRO, 2003). Logo, de acordo com o autor podemos concluir que essas

diferenciações interpretativas diante do suicídio são socioculturais e variam de época para época.

Para Stuart Hall, importante teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano existe, a partir do final do século XX, um tipo de mudança estrutural diferente que implica em mudanças nas sociedades modernas e muda também as identidades pessoais, o que pode abalar a própria ideia que cada sujeito tem de si mesmo. Segundo Hall (1992), perder esse sentido de si, pode ser denominado deslocamento ou descentração, e essa perda dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, constitui uma crise de identidade para o indivíduo (Hall, 1992). E é justamente dessa crise de identidade que, potencialmente, surgem os suicidas – grupo de grande interesse de ciências como a sociologia, psicanálise e psiquiatria, mas ainda pouco pensado nos estudos de comunicação (SARQUES, 2011).

Como demonstramos na introdução desse trabalho o fenômeno do suicídio possui uma dimensão cultural que perpassa pelas relações de diferenciação e alteridade com os outros e com o próprio mundo. Desta forma, dialogar sobre saúde mental e suicídio através dos Estudos Culturais é extremamente significativo, visto que por ser uma área interdisciplinar, os Estudos Culturais nos proporcionam discorrer sobre o assunto relacionando cultura, educação, adolescência e morte, não como uma questão política ou psicológica, mas como forma de promoção e valorização da vida.

4.2 As relações entre a influência do estado, o poder e o suicídio

Foucault (1998) ao discorrer sobre o direito de morte e poder sobre a vida, estabelece que a morte é o limite, ou seja, a fronteira a ser transpassada, a vida que até então era domínio do soberano passa a ser pessoal, privada e forma de liberdade. Em suas palavras

Agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa; ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais "privado". Não deve surpreender que o suicídio — outrora crime, pois era um modo de usurpar o direito de morte que somente os soberanos, o daqui debaixo ou o do além, tinham o direito de exercer — tenha-se tornado, no decorrer do século XIX, uma das primeiras condutas que entraram no campo da análise sociológica; ele fazia aparecer, nas fronteiras e nos interstícios do poder exercido sobre a vida, o direito individual e privado de morrer. Essa obstinação em morrer, tão estranha e, contudo, tão regular, tão constante em suas manifestações, portanto

tampouco explicável pelas particularidades ou acidentes individuais, foi uma das primeiras surpresas de uma sociedade em que o poder político acabava de assumir a tarefa de gerir a vida (FOUCAULT, 1998, p.130).

Neste sentido, Foucault (1988) afirma que, a partir do séc. XIX o suicídio passa a ser percebido como fronteira que rompe os limites das relações de poder, se rebelando contra o sistema. Stuart Hall (1997) em “A centralidade da cultura” afirma que, toda ação cultural é uma ação social e que as revoluções culturais influenciam diretamente no modo de vida e escolhas pessoais, ou seja, assim como levantado por Foucault, o suicídio como um ato de liberdade poder ser influenciado também pelo modo de vida que o suicida está inserido, a fim de romper a fronteira muitas vezes de submissão e dependência ou ainda exclusão e violência.

Nas palavras de Teixeira (2004) a tentativa e o suicídio em si são questões sociais e comunitárias, já que a pessoa que se mata ou tenta morrer está inserida em ambientes variados, como família, amigos, professores e outras pessoas que fazem parte de seu contexto social.

Na psicologia o primeiro conceito relacionado ao suicídio foi apresentado em 1917 por Sigmund Freud (1856-1939). Para esse psicanalista, o suicídio representava agressão contra si (íntimo) ou desejo reprimido de matar outra pessoa. Sob esta perspectiva, Menninger (1952), aponta três elementos que envolvem o suicídio, o desejo de matar, o desejo de ser morto e o desejo de morrer, porém, nem o próprio suicida procura a morte e sim outra vida criada em suamente (CASSORLA, 1998).

Na sociologia, Émile Durkheim (1858-1917) foi o primeiro a investigar conceitos e expor as junções entre os indivíduos e a sociedade. Durkheim acreditava que o suicídio era um ato individual decorrente do meio social no qual o indivíduo estava introduzido. Segundo Durkheim, a situação exterior, ou seja, o meio no qual a pessoa está localizada é essencial e influenciadora como aborrecimentos familiares, decepções amorosas ou do amor próprio, a pobreza, as doenças ou alguma falta moral (DURKHEIM, 1982).

Werlang e Botega (2004) destacam que existem na atualidade três principais teorias explicativas do suicídio. Na teoria psiquiátrica o suicídio é abordado de maneira individual e está diretamente ligado a um distúrbio das faculdades mentais, já na teoria sociológica de Durkheim, o suicídio é coletivo, um fenômeno social e não um problema individual, onde a sociedade exerce seus efeitos prejudiciais sobre as pessoas e por fim, a teoria psicológica de Freud onde o ser humano opera em duas essências, *eros* (pulsão

que conduz à vida) e *tanatos* (pulsão que conduz à morte). Para Freud, as duas precisam ser conciliadas, pois, quando a pulsão de morte se sobrepõe à pulsão de vida, acontece o suicídio.

Neste sentido, Silva (2010) salienta que para que um suicídio seja efetivo, três fatores precisam atuar conjuntamente: o desejo de matar, de morrer e de ser morto, para ela

O desejo de matar está relacionado à frustração, com a vontade de exterminar um inimigo que está dentro de si, está relacionado intimamente a um componente agressivo. Quando o sujeito deseja ser morto, quer na verdade deixar de viver, pois sua vida é um inferno e provoca uma dor imensurável, ou ainda não merece estar neste mundo, é um ser desprezível pelo qual não se deve ter consideração. O desejo de ser morto parece uma submissão, um ato de punição contra si próprio (SILVA, 2010, p. 31).

Desta forma, segundo Esslinger e Kovács (2006) é possível afirmar que, no desejo de morrer o indivíduo se entrega como se a morte fosse um alívio, descanso para um sofrimento intenso, a cura da dor.

De acordo com a OMS, o suicídio é intencional e o indivíduo quer eliminar sua própria vida sendo que as taxas de suicídio ao redor do mundo variam de acordo com a cultura, região e o comportamento social das interações e organizações humanas (OMS, 2000).

Segundo Kaplan e seus colaboradores (2003), o suicídio decorre da imaginação, atos e tentativas de suicídio que podem estar ligados a transtornos depressivos e que especificamente na adolescência, é um problema crescente na área da saúde mental. Por conseguinte, o suicídio é um problema de saúde pública crescente na atualidade (CÔRTE; MUSSI, 2012) e esta problemática é constituída de inúmeras causas ligadas a fatores psicológicos, biológicos, sociais e econômicos (ABREU, 2010).

Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2009), a depressão é um dos transtornos mentais mais comumente associados ao suicídio. Corrêa e Barrero (2006, p. 250) destacam que a depressão é o distúrbio psiquiátrico mais recorrente em toda população e que esta enfermidade possui um laço estreito com as tentativas de suicídio e o suicídio.

Para os autores, os comportamentos suicidas são considerados muitas vezes como sintomas de depressão devido a sentimentos como tristeza, irritabilidade, desesperança e perda de interesse em atividades que antes lhe eram prazerosas. Diante disso, a pessoa

tenta fugir dos sintomas o que pode provocar tentativas de suicídio e a sua efetivação (CORRÊA e BARRERO, 2006).

De acordo com a OMS (2000), o suicídio está entre as cinco maiores causas de morte na faixa etária de 15 a 19 anos no mundo, sendo que em vários países o suicídio fica em primeiro ou segundo lugar nas causas de morte nesta faixa etária. Ainda segundo a OMS, no Brasil, no ano de 2006, mais de 1.700 adolescentes e jovens, na faixa etária de 10 a 24 anos, morreram após tentativa de suicídio. Diante desses dados, em 2006, foi lançado o Plano Nacional de Prevenção do Suicídio (BRASIL, 2006) por meio da Portaria Nº 1.876, de 14 de agosto de 2006 que traz em seu Art. 2º os objetivos deste plano.

Art. 2º Estabelecer que as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio sejam organizadas de forma articulada entre o Ministério da Saúde, as Secretarias de Estado de Saúde, as Secretarias Municipais de Saúde, as instituições acadêmicas, as organizações da sociedade civil, os organismos governamentais e os não-governamentais, nacionais e internacionais, permitindo:

I) desenvolver estratégias de promoção de qualidade de vida, de educação, de proteção e de recuperação da saúde e de prevenção de danos;

II) desenvolver estratégias de informação, de comunicação e de sensibilização da sociedade de que o suicídio é um problema de saúde pública que pode ser prevenido;

III) organizar linha de cuidados integrais (promoção, prevenção, tratamento e recuperação) em todos os níveis de atenção, garantindo o acesso às diferentes modalidades terapêuticas;

IV) identificar a prevalência dos determinantes e condicionantes do suicídio e tentativas, assim como os fatores protetores e o desenvolvimento de ações intersetoriais de responsabilidade pública, sem excluir a responsabilidade de toda a sociedade;

V) fomentar e executar projetos estratégicos fundamentados em estudos de custo-efetividade, eficácia e qualidade, bem como em processos de organização da rede de atenção e intervenções nos casos de tentativas de suicídio;

VI) contribuir para o desenvolvimento de métodos de coleta e análise de dados, permitindo a qualificação da gestão, a disseminação das informações e dos conhecimentos;

VII) promover intercâmbio entre o Sistema de Informações do SUS e outros sistemas de informações setoriais afins, implementando e aperfeiçoando permanentemente a produção de dados e garantindo a democratização das informações; e

VIII) promover a educação permanente dos profissionais de saúde das unidades de atenção básica, inclusive do Programa Saúde da Família, dos serviços de saúde mental, das unidades de urgência e emergência, de acordo com os princípios da integralidade e da humanização.

Apesar de ficar claro no documento as iniciativas e ações a serem traçadas a fim de diminuir os casos e conscientizar a população sobre o assunto poucas foram as intervenções a este respeito na sociedade ou aconteceram ações isoladas como, por exemplo, na área da saúde com a adesão em 2015 da campanha do setembro amarelo de prevenção ao suicídio.

Ao analisar a distribuição de casos de suicídio no Brasil no ano de 2004, Meneghel (2004) apontou que, o sul e o centro-oeste do país são as regiões com as maiores taxas de suicídio. Neste cenário, a região centro-oeste ocupa a segunda posição nos casos de suicídio no país, são 7,6 casos por 100.000 habitantes. Segundo fonte do Datasus, o estado de Mato Grosso do Sul, no período de 1999 a 2008, possuía uma taxa de mortalidade por suicídio que variava entre 6,5 a 8,7 por 100 mil habitantes, fazendo com que o estado possuísse a maior taxa da região e uma das maiores do país (SANTOS, 2010).

Desta forma, é importante entender que cuidar da saúde mental e emocional dos estudantes é tão importante quanto cuidar da saúde física. O suicídio é um grande problema de saúde pública, não só no mundo, mas também no Brasil, principalmente devido ao aumento das taxas de suicídio na população jovem (MELEIRO, TENG e WANG, 2004). Portanto, “É preciso questionar porque é necessário chamar a atenção, suicidas e famílias devem ser orientados e tratados, inclusive para que o ato não se repita” (CASSORLA, 1998, p. 67). Por fim, espera-se com este trabalho contribuir para que mais ações coletivas aconteçam envolvendo diversas áreas da sociedade a fim de atingir um número maior de pessoas e diminuir os casos de suicídio.

5. SOCIEDADE DO DESENCANTO E DO VAZIO: SUICÍDIO, EDUCAÇÃO E MÍDIA

5.1 Hipermodernidade e desencantamento frente ao outro e ao mundo

A era pós moderna descrita por Lipovetaky (2005) em sua obra “A Era do Vazio”, esboça uma realidade vivenciada por jovens e adolescentes atualmente. O autor descreve que, na atualidade, o indivíduo hipermoderno é individualista e narcisista, onde seus interesses ultrapassam aos desejos e necessidades dos grupos. O indivíduo busca a si mesmo incansavelmente. Em suas palavras “[...] amar a mim mesmo o bastante para não precisar de outra pessoa para me fazer feliz” (LIPOVETSKY, 2005, p. 36).

Neste cenário, a era digital, ao proporcionar as trocas sociais, criou-se a ilusão de contato, pois, atrás das telas as pessoas continuam satisfazendo sem próprios interesses sem medir as consequências. Para Lipovetsky (2005)

“[...] quanto mais se desenvolve as possibilidades de encontro, mais os indivíduos se sentem sós; quanto mais as relações se tornam livres, emancipadas das antigas restrições, mais rara se torna a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por todo lado há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si mesmo” (LIPOVETSKY, 2005, p. 57).

O autor destaca que, os jovens buscam viver em uma outra realidade, “[...] vivem ligados à música desde o amanhecer até à noite como se tivessem a necessidade de estar sempre em outro lugar.” E afirma que, “[...] tudo acontece como se eles precisassem de uma desrealização estimulante, eufórica ou embriagadora do mundo” (LIPOVETSKY, 2005, p. 06).

Discutir sobre suicídio passa a era do vazio descrita pelo autor, já que, falar sobre estatística principalmente na educação e na mídia deve ser pauta essencial. Promover diálogos sobre suicídio nesses ambientes proporciona não só informação a respeito, mas possibilita àqueles que pensam ou já tentaram contra própria vida pedir ajuda.

Durkheim (1897, p. 15) afirmou que, “chama-se suicídio todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima. Ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado”. Neste contexto, podemos observar que embora seja um tabu, o suicídio tende a ser aceito como mais um direito do sujeito contemporâneo.

Para o autor, o suicídio é eminentemente contagioso, principalmente em indivíduos com predisposições a serem influenciados com ideias particulares de suicídio. Esses indivíduos, segundo o autor, são direcionados a reproduzir tudo o que os impressiona,

bem como, podem repetir um ato para qual já possuem certa inclinação (DURKHEIM, 1897, p. 80). Porém, tirar a própria vida não se trata apenas de uma escolha livre, mas se baseia em conflitos internos e externos como vimos no capítulo anterior.

Desta forma, o suicídio ou o ato suicida tem sido cada vez mais usado como um ato de comunicação seja como forma de protesto e/ou um pedido de socorro. A mídia, neste contexto, carrega um papel importantíssimo, pois nela se veicula a notícia e se transmite/propaga a ideia suicida e é sobre isto que iremos dialogar.

“Seje sincera” é um perfil no *Instagram* de uma influenciadora, Aline Araújo se jogou do 9º andar e consumou o suicídio, na manchete dizia “Alinne Araújo ficou conhecida pelo perfil ‘Seje Sincera’ no Instagram. A blogueira de 24 anos cometeu suicídio na segunda-feira (15), após se jogar do nono andar do prédio onde morava na zona oeste do Rio de Janeiro”.

Outro exemplo, divulgado pela mídia foi o suicídio de um *influencer* brasileiro que filmou seu próprio suicídio num aplicativo muito usado pelos jovens, o *Tik Tok*, segundo a reportagem divulgada na mídia o aplicativo só tomou providências comunicando a polícia e retirando do app após quatro horas do acontecido. Fica evidente, diante dessas matérias, a influência que a mídia pode ter, especialmente na divulgação/propagação do suicídio.

A sociedade passou ao longo dos anos por diversas transições inclusive culturais. Nas últimas décadas do séc. XIX e primeiras do séc. XX, o debate sobre cultura se ampliou. Dias (2000, pág. 70-90) destaca que, a partir do momento em que os objetos culturais foram incluídos no campo de mercadorias, como resultado do sistema capitalista, criou-se o conceito de indústria cultural.

“É nesse contexto que surge o conceito de indústria cultural. As manifestações culturais, outrora produzidas socialmente em espaços qualitativamente diferenciados e portadores de subjetividade, perdem sua dimensão de especificidade ao serem submetidas à lógica da economia e da administração” (DIAS, 2000, p. 70)

Santaella (2003, pág. 24) divide as eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital.

Segundo Guazina (2007, p. 49), a palavra mídia pode ser entendida a partir da sua origem em latim - plural de *medium* ou meio. Inicialmente estudada pelas epistemologias da Comunicação e das Ciências Políticas, hoje o termo ocupa discussões nas mais diversas

áreas epistemológicas. Por conseguinte, Briggs e Burke (2016, p. 14) destaca que, “a mídia precisa ser vista como sistema, um sistema em contínua mudança, inclusive de ordem tecnológica”.

As experiências pessoais estão permeadas por meio de sistemas técnicos de produção e transmissão simbólica, como a televisão e a internet. Thompson (1995, p. 25) destaca que, as maneiras como as pessoas experimentam as ações e os fatos que se dão em contextos dos quais estão distanciados, tanto no espaço como no tempo, afetam de modo profundo e irreversível os seus receptores, ou seja, as formas como são produzidas, transmitidas e recebidas às informações nas sociedades modernas interferem em suas ações individuais.

Portanto, neste contexto, a mídia tem um papel importante na constituição dos fenômenos sociais contemporâneos, como o suicídio. Para Thompson (1995, p. 23), através do desenvolvimento da comunicação de massa, os fenômenos ideológicos podem tornar-se fenômenos de massa, capazes de afetar grande número de pessoas em locais diversos e distantes devido a sua rápida propagação.

Neste sentido, podemos citar como forma simbólica, por exemplo, cartas e vídeos deixados pelos suicidas, onde apontam seus motivos ou não, um último diálogo onde a própria morte foi o jeito mais eficiente de se fazer ouvir. Thompson, denomina a divulgação/comercialização da forma simbólica, seja ela carta ou vídeo, como processo de valorização, ocorrendo tanto uma valorização simbólica, pois são observados tanto pelas pessoas que a produzem como pelas pessoas que os recebem, quanto uma valorização econômica. Para o autor, “quando as formas simbólicas estão sujeitas à valorização econômica, tornam-se mercadorias ou, como geralmente digo, ‘bens simbólicos’ que podem ser comprados, vendidos ou trocados de qualquer modo no mercado” (THOMPSON, 1995, p. 23).

A este respeito, um dos exemplos do processo de valorização descrito por Thompson são os atos terroristas, que ganham grande visibilidade midiática. Sendo assim, estudos vêm sendo realizados observando a influência da mídia sobre a decisão do sujeito de cometer o ato suicida. Phillips (1974) realizou uma pesquisa entre 1947 a 1968 sobre a influência e estímulo ao suicídio, analisando comportamentos suicidas após a publicação de matérias sobre o tema e os resultados demonstraram um avanço significativo na ideação suicida após a publicação das notícias.

O Efeito de Werther apontado por Phillips, diz respeito ao efeito de modelagem e

contágio do suicídio desencadeado por meio da divulgação de um caso na mídia. Para ele, a teoria da aprendizagem social também corrobora com o Efeito de Werther, já que o homem é um ser que aprende seus comportamentos através de observação e modelagem, ou seja, é através da observação que se formam as ideias de como um comportamento é executado (PHILLIPS, 1974, p. 340-354).

Sobre isto, Baume, Rolfe e Clinton (1998, p. 134-141) discutiram a respeito da influenciada mídia, destacando que os atos suicidas são, na maioria das vezes, fruto do que as pessoas veem como modelos em suas vidas, principalmente na população de 15 a 24 anos. Para os autores, este público é mais vulnerável ao suicídio e também às influências da mídia.

Desta forma, segundo Baume, Rolfe e Clinton (1998) os programas de televisão e a imprensa, por exemplo, podem contribuir de forma a encorajar o sujeito a considerar o ato suicida como uma solução.

Thompson (1999) abordou em um artigo de revisão, as implicações da internet no suicídio, expressando uma preocupação com relação aos jovens, por sua maior vulnerabilidade e por serem os que mais utilizam a internet como meio de busca de dados e de comunicação.

Becker e Schimidt (2005) dialogaram em seus escritos a alta hegemonia de suicídio entre jovens e adolescentes, constatando o aumento de condutas suicidas associadas à influência da mídia. Para os autores, a internet, é um instrumento de grande utilização, sendo um dos principais meios que os adolescentes utilizam para se comunicar.

Percebe-se, assim, que para Phillips (1974), Baume, Rolfe e Clinton (1998), Thompson (1999) e Becker e Schimidt (2005) a mídia, nas suas mais variadas formas como livros, jornais, revistas e internet, podem influenciar na decisão de cometer ou não o suicídio.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2000), os meios de comunicação são, de fato, capazes de influenciarem o comportamento suicida, porém não é a divulgação em si que estimulará novas mortes

Os clínicos e os pesquisadores sabem que não é a cobertura jornalística do suicídio per se, mas alguns tipos de cobertura, que aumentam o comportamento suicida em populações vulneráveis. Por outro lado, alguns tipos de cobertura podem ajudar a prevenir a imitação do comportamento suicida. Ainda assim, há sempre a possibilidade de que a publicidade sobre suicídios possa fazer com que a ideia pareça “normal”. Coberturas de suicídios repetidas e continuadas tendem a

induzir e a promover preocupações suicidas, particularmente entre adolescentes e adultos jovens (OMS, 2000).

De Moraes (2013) afirma que a notícia é o produto jornalístico mais importante e estabelece a natureza mercantil da revista. Ela utiliza o bizarro e insólito ao rotineiro conhecimento, o leitor, ao ver esse insólito e bizarro restrito a uma notícia, nivela às demais notícias, pois os temas trágicos denunciam a precariedade humana. A este respeito, Durkheim (2000) salientou sobre o papel dos jornais na divulgação dos atos de suicídio.

Alguns autores, atribuindo à imitação um poder que ela não tem, solicitaram que fosse proibida a reprodução dos suicídios e dos crimes nos jornais. É possível que essa proibição consiga reduzir em algumas unidades o montante anual desses diferentes atos. Mas é muito duvidoso que ela possa modificar a taxa social. [...] Na realidade, o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou do assassinato não é o fato de se falar nisso, e sim a maneira como se fala (DURKHEIM, 2000).

Diante disso, a OMS organizou algumas orientações aos comunicadores da forma como tratar o tema tanto em episódios específicos como a problemática de maneira geral e identificar o que deve ser evitado na cobertura dos suicídios

Quadro II: Orientações da OMS para a imprensa sobre coberturas de suicídios

O QUE FAZER:	O QUE NÃO FAZER:
-Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos.	-Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas.
-Referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”, não como suicídio “bem sucedido”.	-Não informar detalhes específicos do método utilizado.
-Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas de veículos impressos.	-Não fornecer explicações simplistas
-Destacar as alternativas ao suicídio.	-Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso.
-Fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda.	-Não usar estereótipos religiosos ou culturais.

-Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida.	-Não atribuir culpas .
---	------------------------

Fonte: (OMS, 2000).

Júnior e Pereira (2018, p. 257-268) destacam que, atualmente com o grande uso de internet, o efeito das notícias é ainda mais preocupante, pois essas são instantâneas e podem ser publicadas sem passar por filtros utilizando-se de chats, fóruns e redes sociais, para influenciarcasos de suicídio, oferecendo dicas e formas de como realizá-lo. Há também a possibilidade de contágio por meio da divulgação de funerais e homenagens na internet, onde pode ocorrer certa idealização da morte por parte dos jovens (PEREIRA, BOTTI, 2017).

Os efeitos desse contágio vêm sendo estudado ao longo dos anos e recebeu várias denominações como cybersuicídio, se referindo à tentativa ou ato suicida motivado pela internet (ROQUE, 2014). *Suicide contagion* (contágio suicida), influência da divulgação de comportamentos suicidas sobre o comportamento de pessoas suscetíveis, pode incitar o comportamento de imitação (BRAGA, DELL'AGLIO, 2013, p. 2-14). *Comportamental suicide modelling*, consequência de uma persuasão das mídias sobre a decisão de praticar o suicídio. Suicídio em *clusters* – abrange dois tipos de situações: “*clusters* em massa”, que ocorre quando há aumento geral no número de suicídios após a cobertura de casos pela mídia; e “*clusters* em pontos”, que acontecem em tempo e espaço específico, podendo se tratar de comunidades ou instituições (NIEDZWIEDZ, HAW, HAWTON e PLATT, 2014). E por fim, o cyberbullicídio, que não está conectado diretamente ao efeito de contágio, mas é um termo contemporâneo e relevante, que se trata dos suicídios ligados direta ou indiretamente ao cyberbullying (PEREIRA, BOTTI, 2017).

Diante do exposto, fica claro sobre o papel da mídia na divulgação dos casos de suicídio, mas como vimos, não é só isso que pode corroborar para o aumento dos casos entre jovens. Outro aspecto, que necessita ser discutido, é como as redes sociais, cada vez mais presentes no dia a dia dos jovens e adolescentes, estão induzindo em suas decisões pessoais, inclusive motivando suas ações. E é a este respeito que dialogaremos no próximo tópico.

5.2 A representação e a disseminação do suicídio nas mídias

Um fator importante a ser debatido são os desafios e jogos virtuais, conhecidos por promoverem e estimularem o suicídio. Dentre eles, podemos destacar o Jogo da baleia azul,

onde 50 desafios são lançados via internet, com o objetivo final do suicídio do jogador (DUQUE, PEREIRA e LEAL, 2017).

O desafio da água quente, por exemplo, consiste em duas tarefas distintas, o jogador surpreende alguém lhe jogando água quente ou ingeri água fervente como forma de coragem (PELARIGO, 2017). Outro desafio, destacado pelo autor foi lançado no Youtube em 2012, denominado desafio da canela, o jogador precisa consumir uma colher de canela em pó, que provoca crise de asma e outras doenças pulmonares.

O desafio da asfixia e desmaio com casos registrados no Brasil, consiste em sozinho por meio de cordas ou em dupla através de estrangulamento ou pressão no peito, provocando desmaio através da queda de oxigenação no cérebro (PELARIGO, 2017).

Outros desafios, também populares entre os jovens e adolescentes, são os desafios do preservativo, onde o desafiado aspira o preservativo pelo nariz e remove pela boca e o desafio do fogo onde o jogador se encharca de líquido inflamável e atea fogo em frente a uma câmera(O GLOBO, 2018).

Atualmente, o desafio que tem circulado nas redes sociais, já com casos no Brasil, é o Desafio do Pateta, que sugere o suicídio para crianças na internet. Segundo informações, este jogo é parecido com o jogo da Boneca Momo, no jogo, criminosos utilizam perfis para assédio, roubo de informações pessoais, incitação ao suicídio ou à violência e extorsão, contribuindo para o surgimento de transtornos físicos e psicológicos, como depressão, ansiedade, insônia, entre outros (BBC, 2018).

Segundo Prioste (2016), os adolescentes são expostos desde muito cedo às tecnologias televisivas, incluindo o Youtube, onde os limites entre realidade e ficção estão sendo minimizados, evidenciando a vida dos personagens fictícios em detrimento de sua própria. Estamos vivendo na chamada “sociedade do espetáculo”, onde a violência, o sofrimento e a morte tornam-se espetáculos, produtos a serem vendidos e propagados buscando visibilidade e adeptos (JÚNIOR, PEREIRA, 2018).

Outra questão a ser levantada é como as séries de ficção audiovisuais contemporâneas vêm representando a questão do suicídio no universo adolescente e de que forma isso está impactando os jovens?

Por meio de séries e filmes os distúrbios psiquiátricos vêm sendo evidenciados, distúrbios esses, cada vez mais comuns em jovens e adolescentes, como depressão e a ansiedade. Neste sentido, podemos citar a representação do suicídio adolescente na série “13 Reasons Why” (NETFLIX, 2017), de grande impacto na mídia brasileira contemporânea, onde uma adolescente se suicida depois de sofrer os mais diversos tipos

de violência na escola.

Podemos refletir também acerca do filme “Nerve” (2016), em destaque nas plataformas *streaming* durante o mês de maio de 2017, onde jovens são desafiados com aventuras que colocam suas próprias vidas em risco, sendo pagos em dinheiro por cada desafio cumprido.

Em 2020, a Netflix lançou o filme “Por lugares incríveis”, baseado na obra de 2015 de Jenifer Niven. No filme, um jovem salva uma menina que está prestes a se jogar da ponte. A trama enfatiza a empatia e debate sobre saúde mental dos jovens, porém ao final do filme, o personagem que no início evita um suicídio, não resiste à depressão e se mata.

A série e os filmes dialogam sobre esta temática reforçando a morte como fator final para as problemáticas vivenciadas nesta faixa etária. Podemos observar isso em “13 Reasons Why” e nos filmes supracitados. É preciso falar sobre o suicídio, porém é preciso atenção para que essas formas audiovisuais não dramatizem a dor do outro, criando gatilhos, romantizando o suicídio como solução e estigmatizando doenças mentais como a depressão, que podem como já discutido aumentar o efeito de imitação.

Em relação aos jogos e desafios, a atenção deve ser redobrada, por exemplo, nas escolas e em ambientes de discussão, citar esses jogos pode incitar os jovens e adolescentes a buscar sobre e entrarem no desafio como meio de fuga da dor que sentem. É preciso conhecer e criar vínculos com os adolescentes e jovens a fim de reconhecer neles quando algo não está dentro da normalidade dessas transformações em que estão passando

Ao ler uma notícia sobre suicídio, é desejável que haja um equilíbrio emocional do leitor para que uma confusão entre o lido e o sentido não desencadeie problemas psíquicos que podem levar a algum ato extremo, tal como o narrado na notícia. Isso é dito por que a informação, seja ela subjetiva ou objetiva, exerce mudança no estado do conhecimento humano e, conseqüentemente, na sociedade e na cultura. Ela atua como um agente de transformação, responsável pela evolução do homem e pelo desenvolvimento da sociedade (DE MORAES, 2013, p. 135).

Segundo De Moraes (2013) e Fausto Neto (1991) o discurso jornalístico pode utilizar diversos tipos de ilustrações que, com a exposição de suas imagens, se transformam em outro discurso, sobre o mesmo fato, tão expressivo quanto o próprio texto e diante da impossibilidade de “retratar” o suicido em si, são utilizados esses meios de

destacar a notícia, visando despertar maior interesse sobre a notícia.

Segundo a OMS (2000) existem algumas precauções que a mídia em geral deve observar ao noticiar dados sobre o suicídio. Deve-se verificar por exemplo, as culturas em diferentes países, mas frequentemente são levadas em consideração os mesmos princípios orientados pela OMS.

Quadro III - Como noticiar o suicídio em geral.

COMO NOTICIAR O SUICÍDIO EM GERAL	
Os assuntos específicos que devem ser abordados na cobertura de um suicídio incluem os seguintes:	
•	as estatísticas devem ser interpretadas cuidadosamente e corretamente;
•	fontes de informação confiáveis e autênticas devem ser usadas;
•	comentários improvisados devem ser feitos cuidadosamente, a despeito das pressões de tempo;
•	generalizações baseadas em fragmentos de situações requerem atenção particular;
•	expressões como “epidemia de suicídio” e “o lugar com a mais alta taxa de suicídio do mundo” devem ser evitadas;
•	deve-se abandonar teses que explicam o comportamento suicida como uma resposta às mudanças culturais ou à degradação da sociedade.

Fonte: OMS (2000, p.7)

Outros aspectos a serem observados pela mídia diz respeito aos casos específicos de suicídio, como de pessoas famosas, influentes ou conhecidas do universo midiático. A OMS (2000) orienta as seguintes recomendações que devem ser levadas em consideração.

Quadro IV – Como noticiar casos específicos de suicídio

COMO NOTICIAR CASOS ESPECÍFICOS DE SUICÍDIO
<ul style="list-style-type: none"> • A cobertura sensacionalista de um suicídio deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. A cobertura deve ser minimizada até onde seja possível. Qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser trazido à tona. Todos os esforços devem ser feitos para evitar exageros. Deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado. Manchetes de primeira página nunca são o local ideal para uma chamada de reportagem sobre suicídio.
<ul style="list-style-type: none"> • Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de suicídios. Alguns locais – pontes, penhascos, estradas de ferro, edifícios altos, etc – tradicionalmente associam-se com suicídios. Publicidade adicional acerca destes locais pode fazer com que mais pessoas os procurem com esta finalidade.
<ul style="list-style-type: none"> • Suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único. Normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes. O reconhecimento de que uma variedade de fatores contribuem para o suicídio pode ser útil.
<ul style="list-style-type: none"> • Suicídio não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais como falência financeira, reprovação em algum exame ou concurso ou abuso sexual. • As reportagens devem levar em consideração o impacto do suicídio nos familiares da vítima, e nos sobreviventes, em termos de estigma e sofrimento familiar.
<ul style="list-style-type: none"> • A glorificação de vítimas de suicídio como mártires e objetos de adoração pública pode sugerir às pessoas suscetíveis que a sociedade honra o comportamento suicida. Ao contrário, a ênfase deve ser dada ao luto pela pessoa falecida.
<ul style="list-style-type: none"> • A descrição das consequências físicas de tentativas de suicídio não fatais (dano cerebral, paralisia, etc), pode funcionar como um fator de dissuasão.

Fonte: OMS (2000, p. 7-8).

5.3 As relações sociais na era digital

Castells (1999, pág. 394) afirma que, “a multimídia é capaz de captar a maioria das expressões culturais em toda a sua diversidade.” “Todas as expressões culturais, da pior à melhor, da mais elitista à mais popular, veem juntas nesse universo digital que liga em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras das mentes comunicativas” (CASTELLS, 1999, p. 394).

Castells (1999, p. 394) identifica padrões sócio culturais no uso das multimídias. Em suas palavras, “uma expressão de diferenciação cultural/social, ou seja, o mercado não tem total controle da mensagem que é transmitida. Os usuários estão conduzindo estas mídias conformeseus interesses.”

O mundo da multimídia: um ambiente estratificado em interigente e receptorada interação. Isso implica na divisão entre os que são capazes de selecionar seus circuitos multidirecionais e aqueles que recebem um número restrito de opções” (CASTELLS,1999, p. 394).

Os usuários da internet “entram” em redes ou grupos *online* com base em interesses em comuns valores (CASTELLS, 1999). De acordo com Turkle (apud Castells, 1999) “quem vive vidas paralelas na tela, está não obstante, ligado pelos desejos, pela dor e pela mortalidade de suas personalidades físicas”. E afirma ainda que, “as comunidades virtuais oferecem um contexto novo e impressionante, no qual pensar sobre a identidade humana na era da internet” (TURKLE, 1995, p. 26, apud CASTELLS, 2010, p. 442).

Para Castells, a comunicação mediada pela internet é um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido oportunidade de chegar a conclusões sólidas sobre seu significado social (CASTELLS, 2010, p. 442). Nesta perspectiva, se pensarmos que a mídiadigital é o lugar onde múltiplas culturas interagem, ela é um espaço de conhecimento. Além disso, a globalização cultural é um fenômeno recente, ou seja, ainda em estudo.

O psiquiatra Richard Graham em uma entrevista a UOL tecnologia de Londres em 2011 afirma que,

“Os jovens hoje crescem não apenas em um mundo social, mas em um mundo transparente, onde quase tudo é visto por todos. Se você cometer um erro, ele será público. Se fizer algo bom, também será público. É como viver em uma casa de vidro sem cortinas, sem portas, onde qualquer um pode entrar e vê- los. Da mesma forma, eles também podem ver todo mundo, o que acaba criando uma competição intensa e uma comparação intensa. Talvez por isso muitos deles criem identidades falsas: somente sendo outra pessoa, eles conseguem ser eles mesmos. Essa é uma forma de colocar cortina em suas casas de vidro” (GRAHAM, 2011).

E salienta ainda que,

“Se pensarmos que, além dos amigos, as empresas também estão de olho nas informações publicadas online, me parece que os jovens hoje podem se sentir como vivendo em um zoológico. Ou em um circo. Todos passam, assistem ao que eles estão fazendo e solicitam algo deles. Isso sem contar aqueles que sofrem ciberbullying, quando às vezes recebem por dia centenas, milhares de mensagens. Isso faz a pessoa se sentir incapaz de controlar o que está sendo dito sobre

ela. E quanto mais você confrontar o que é dito, mais poderoso será o efeito [da mensagem]. Minha preocupação com os jovens é que essa situação seja tão intensa que possa ser capaz de controlá-los” (GRAHAM, 2011).

Prioste (2016, p. 182) dialoga a respeito dos usuários da internet e destaca que se trata de um público com fragilidades pessoais que “não toleram frustrações, se esquivam dos danos, baixa autoestima, ansiedade”, sendo a internet utilizada como um esconderijo para alívio de situações da vida real.

No livro “Amor Líquido”, Bauman (2004) aborda a fragilidade nos laços humanos na modernidade. O autor destaca que o ser humano tendo a necessidade de ser cada vez mais aceito e se sentir pertencente a algo, a algum lugar ou ainda a alguém deu origem a “criação” de vínculos frágeis, “a modernidade líquida em que vivemos traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos – um amor líquido”. E salienta que, “a segurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos.” Para ele, “vivemos em tempos líquidos nada é feito para durar” (BAUMAN, 2001, p.48).

Para o autor, a internet e os meios de comunicação vem transformando a vida de jovens e adolescentes que se “conectam” e se “desconectam” com facilidade de outras pessoas, e como a necessidade de reproduzir o que fazem e sentem passou a ser um ato público. Em suas palavras

o espaço público não é mais que uma tela gigante em que as aflições privadas são projetadas sem cessar, sem deixarem de ser privadas ou adquirirem novas qualidades coletivas no processo da ampliação: o espaço público é onde se faz a confissão dos segredos e intimidades privadas. Os indivíduos retornam de suas excursões diárias ao espaço ‘público’ reforçados em sua individualidade de jure e tranquilizados de que o modo solitário como levam sua vida é o mesmo de todos os outros ‘indivíduos como eles’, enquanto — também como eles — dão seus próprios tropeços e sofrem suas (talvez transitórias) derrotas no processo (BAUMAN, 2001, p. 49).

Em uma entrevista ao jornal El País, Bauman afirma que, “tudo é mais fácil na vida virtual, mas perdemos a arte das relações sociais e da amizade” e que

“as redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar controvérsias... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras.

“As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha.”

Bauman (2008, p. 20) em seu livro “*Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*” afirma que, “numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas.” Neste sentido, em suas palavras,

“Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever público (...)”, ou seja, na era da informação, onde tudo é visível, a invisibilidade é equivalente à morte, isto explica a necessidade do jovem e adolescente em publicar tudo aquilo que faz, desde as coisas mais simples como tomar banho até fotos e vídeos em festas”(BAUMAN, 2008, p. 20.).

Ainda a este respeito, em entrevista dada em uma conferência, para o Fronteiras do pensamento em 2016, Bauman dialoga sobre as “amizades *Facebook*” em suas palavras

“Um viciado em Facebook me confessou – não confessou, mas de fato gabou-se – que havia feito 500 amigos em um dia. Minha resposta foi: eu tenho 86 anos, mas não tenho 500 amigos. Eu não consegui isso! Então, provavelmente, quando ele diz ‘amigo’, e eu digo ‘amigo’, não queremos dizer a mesma coisa, são coisas diferentes. Quando eu era jovem, eu não tinha o conceito de redes, eu tinha o conceito de laços humanos, comunidades... esse tipo de coisa, mas não de redes. Qual a diferença entre comunidade e rede? A comunidade precede você. Você nasce em uma comunidade. De outro lado temos a rede, o que é uma rede? Ao contrário da comunidade, a rede é feita emantida viva por duas atividades diferentes: conectar e desconectar.”

Sobre as relações sociais na contemporaneidade, o autor explica porque as relações de amizade no *facebook* são tão atrativas, fáceis e superficiais

“Eu penso que a atratividade desse novo tipo de amizade, o tipo de amizade de Facebook, como eu a chamo, está exatamente aí: que é tão fácil de desconectar. É fácil conectar e fazer amigos, mas o maior atrativo é a facilidade de se desconectar. Imagine que o que você tem não são amigos online, conexões online, compartilhamento online, mas conexões off-line, conexões reais, frente a frente, corpo a corpo, olho no olho. Assim, romper relações é sempre um evento muito traumático, você tem que encontrar desculpas, tem que se explicar, tem que mentir com frequência, e, mesmo assim, você não se sente seguro, porque seu parceiro diz que você não tem direitos, que você é sujo etc., é difícil. Na internet é tão fácil, você só pressiona “delete” e pronto, em vez de 500 amigos, você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã

você terá outros 500, e isso mina os laços humanos” (BAUMAN, 2016).

Portanto, está claro que atualmente as redes sociais estão sendo usadas pelos jovens e adolescentes e por meio da internet relações vêm sendo construídas e desconstruídas com certa facilidade e fragilidade, o que interfere na saúde mental desses adolescentes voláteis, que pode levar ao suicídio já que na rede tudo é permitido e a dor do outro acaba sendo banalizada.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Narrativas dos profissionais da educação

Com o objetivo de obter informações a respeito da temática suicídio no espaço escolar, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas a professores, inspetora de alunos e a direção da escola. Os questionamentos para esses profissionais focaram em indagações como:

-Falar de suicídio na escola é perigoso?

-Abordar esse tema na escola pode diminuir os casos?

-Os adolescentes levam a sério o assunto morte?

-Na escola fala-se o suficiente sobre suicídio?

-Será que os professores se sentem à vontade para abordar este tema?

-No plano pedagógico da escola tem alguma orientação sobre prevenção e/ou posvenção ao suicídio de estudantes?

Quando questionados a respeito do papel da escola, e se esse espaço educacional tem alguma responsabilidade sobre o suicídio entre os jovens, os profissionais da educação esboçaram uma opinião divergente:

Respondente 1: *A escola quanto (sic) instituição acredito que não. Já o ambiente escolar composto por jovens e seus comportamentos sociais/antissocial sim. Infelizmente é visível num ambiente escolar jovens com atitudes de preconceito e discriminação uns com os outros. Por essa razão um psicólogo e um assistente social se faz necessário em nossas escolas urgência. Não só para trabalhar com os estudantes, mas com todos que fazem parte deste universo chamado escola: Professores, funcionários, pais e estudantes. Pois não é só o Estudante que precisa de um suporte, hoje temos vários profissionais que se encontram nessa situação.*

Respondente 2: *Sim. A escola pode contribuir de forma significativa navida da criança.*

Respondente 3: *Sim, pois é um espaço coletivo em que os jovens sofrem com as opiniões dos colegas.*

Respondente 4: *Às vezes. Creio que quando se trata do bullying, do desrespeito entre os jovens no ambiente escolar, a escola pode de certa forma influenciar sim.*

Enquanto os professores e a inspetora acreditam que a escola tem responsabilidade sobre a temática questionada a direção escolar acredita que o suicídio entre os jovens vai

além da competência da instituição. Neste sentido, a escola poderia, na opinião de alguns desses profissionais construir ações pedagógicas de prevenção que passa por dimensões culturais e projetos de saúde mental. Percebemos então a divergência de opiniões dentro do mesmo grupofuncional. Martín-Baró (1989, pág. 225) discorre a respeito de grupos funcionais, em suas palavras

Os grupos funcionais são aqueles que correspondem à divisão do trabalho no interior de um determinado sistema social. Se trata, por conseguinte, de pessoas que cumprem a mesma função com respeito a um sistema, pessoas que têm os mesmos papéis e ocupam uma posição equivalente. O poder dos grupos funcionais enquanto tais depende do valor ou importância que o seu trabalho tenha em uma sociedade[...] (MARTÍN-BARÓ, 1989, pág. 225).

Neste sentido, podemos afirmar que os grupos que existem na escola são grupos funcionais de forma que dentro da instituição podemos encontrar o grupo dos professores, dos alunos, grêmio de estudantes, entre outros. O autor dialoga que desde a infância participamos de grupos funcionais e são esses espaços que nos possibilitam a problematização do cotidiano, a criação dos vínculos afetivos e a oportunidade de expressarmos sentimentos e opiniões. Sendo assim, são em espaços como esse que por meio do diálogo nos grupos funcionais acontece o desenvolvimento pessoal.

Na pergunta “Os professores/profissionais da educação sentem-se à vontade para falar sobre morte com os estudantes?” Os professores e a direção escolar são unânimes ao afirmar que não, somente a inspetora de alunos acredita que talvez possa haver um diálogo tranquilo sobre o assunto entre professor e aluno.

Diante das respostas podemos nos indagar sobre um dos papéis fundamentais da escola que é promover espaços de diálogos para o desenvolvimento do pensamento crítico e autônomos alunos (LDB, 1996). Porém, como desenvolver essas habilidades nos estudantes se esquivando de temas até então vistos como “polêmicos”? Sobre isto, Martín-Baró dialoga a respeito da importância do professor ser um agente promotor de diálogos, para ele desta forma, o professor deixa de ser o detentor do conhecimento e abre leques de possibilidades para ouvir o aluno. Em suas palavras

“Esto exige del maestro una capacidad de diálogo, es decir, una capacidad de escuchar las auténticas necesidades de su alumno, una apertura total para dejarse impregnar por su problemática. Em otras palabras, una

disposición radical y una voluntad sincera de penetrar en el mundo del educando, sin demasiados presupuestos exigitivos. [...] El maestro que no esté dispuesto a entrar en este diálogo, aquél que crea saber de todo lo que el alumno necesita, aquél que se considere la última instancia, el último criterio de verdad de todo el proceso educativo, no será más que lo transmisor y forjador de la opresión estructural que el sistema escolar actual colleva, el vocero y señuelo de las necesidades falsas que han de hipotecar la felicidad futura de sus alumnos y, lo que es más, su realidad personal” (MARTÍN-BARÓ, 1971, pág.408).

Martín-Baró ainda salienta que no futuro a privação de diálogos entre professor e aluno poderá interferir na realização pessoal do educando. Neste cenário, podemos reconhecer que o professor que está aberto ao diálogo propicia maior evolução aos alunos, não só no aspecto cognitivo, mas também na personalidade e autenticidade. Ao expor e defender seu ponto de vista o aluno tem a oportunidade de desenvolver as competências e habilidades trazidas na BNCC (2017) e como Martín-Baró bem destacou buscar uma felicidade completa.

Outra questão importante dialogada com esses profissionais foi sobre o currículo. O tema “suicídio juvenil” deve fazer parte do currículo escolar? A este respeito, a maioria dos respondentes afirmou que sim. Quando pensamos em currículo traçamos um percurso a ser percorrido dentro da escola em relação a conteúdos, temas e metas a serem alcançadas. Desta forma, salientar que essa temática deve fazer parte do currículo é dizer que a escola e seus colaboradores corroboram com a importância de falar sobre o valor da vida.

A BNCC (2017) ao apontar as competências socioemocionais não leva em conta tal fato, visto que ao apontar certos padrões a serem alcançados de uma maneira uniforme pelos estudantes esgota e engessa-os a buscar nas competências socioemocionais um ser humano pleno, inclusive desconsiderando as diferenças sociais e econômicas, familiares e o próprio projeto de vida individual. Além disso, a BNCC esvazia os conteúdos filosóficos, históricos e literários. Por exemplo, na literatura há diversas obras sobre o suicídio como Romeu e Julieta, sentido da vida e da morte na filosofia e na religião e todos esses temas poderiam ser conteúdos que permitiriam tratar o tema, contudo foram retiradas neste documento norteador de ensino.

Neste sentido, podemos debater sobre o projeto pedagógico da escola. Há alguma orientação no mesmo sobre promoção da vida? Quando perguntados, novamente a resposta foi unânime, porém negativa, já que na escola só se fala a respeito

esporadicamente, principalmente no setembro amarelo, mês dedicado a prevenção do suicídio.

A este respeito, Martín-Baró afirmou no escrito “Problemas atuais em psicopedagogia escolar” de 1971, que o desenvolvimento do indivíduo heteronomo, expõe como resultado final um ser humano manipulável (Martín-Baró, 1971, p.6). Desta feita, é importante promover diálogos a respeito a fim de munir os estudantes de informações e conhecimentos que possam direcioná-los diante dos problemas e crises, optando pela promoção da vida.

Na abordagem, “Com que frequência na escola, fala-se sobre suicídio em formações ou rodas de conversa entre os profissionais da educação e os estudantes?” a resposta dos participantes vão de um extremo a outro, já que segundo eles

Respondente 1: *Diria que dependendo da área e do professor, quase que com frequência.*

Respondente 2: *Não se fala.*

Respondente 3: *Sempre a cada semestre fazem palestra.*

Respondente 4: *Em situações pontuais como em palestras, projetos, no mês tema de prevenção ao suicídio. Ou sempre que há necessidade a partir de indícios de que algum estudante está tendo essa pretensão.*

Neste ponto, podemos observar que há um receio de se falar sobre suicídio. Muitos gestores acreditam que ao falar sobre este assunto na escola gera-se um efeito em cadeia, cria-se uma possibilidade, ou seja, há uma preocupação de como e o que os alunos farão com tal informação. Neste sentido podemos citar algo que já foi abordado neste trabalho, o efeito Werther (1974), que é quando cresce o número de suicídio após o mesmo ser divulgado. É evidente que há esta apreensão na escola, porém também é perceptível que não expor sobre e não abrir caminhos para os estudantes se expressarem oferecem consequências muito piores.

Diante das respostas, podemos considerar que esta temática ainda não é explorada no dia a dia da escola. Enquanto um profissional assinala “depende do professor” abordar tal tema, dois apontam palestras pontuais, principalmente no mês de prevenção contra suicídio e um pontua que não se fala sobre o assunto na escola.

Para tanto, podemos citar a ideia de "mente grupal" defendida por Martín-Baró. Para ele, de alguma forma todos os membros de uma mesma sociedade participam de algo comum, algo que não é material, mas espiritual, e que os mantém unidos para além de diferenças e interesses individuais. (Martín-Baró, 1985/2015, p. 33), ou seja, podemos

assimilar a isto o desejo pela vida, a preservação da mesma e como consequência sua promoção.

Desta feita, é preciso trabalhar o suicídio na esfera da educação. Citado nas respostas, o Setembro Amarelo, mês de prevenção contra o suicídio é uma iniciativa da área da saúde com a adesão em 2015. Sem a formalidade de palestra, onde um profissional da saúde fala e os alunos apenas escutam, na sala de aula, no dia a dia da escola com um número reduzido de pessoas é possível promover pesquisas e discussões a respeito.

Neste sentido, palestras pontuais somente neste mês, não surtem efeito esperado, pois a prevenção deve ser garantida diariamente. Quando esboçada na área da educação, esta temática pode ser trabalhada durante todo o ano letivo, promovendo valores, aperfeiçoando as competências como proposto na BNCC (2017). Portanto, fica claro que ainda existe um estigma envolto da palavra “suicídio” que precisa ser desenvolvido.

Ao serem indagados sobre possíveis ações que a escola poderia fazer para atuar na prevenção do suicídio, observamos que para os profissionais da educação a parceria entre escola e saúde é essencial, visto que, a grande maioria acredita que a escola necessita de um profissional da saúde para abordar esse tema. Foram citadas ações como palestras, seminários, rodas de conversa. Além de ações de conscientização do tema e acompanhamento de psicólogos dentro da unidade.

Frente ao exposto, fica claro que os profissionais da educação sabem da necessidade de trabalhar este assunto com os estudantes, mas não se sentem seguros para isso. Portanto, fica evidente que os mesmos não se sentem preparados para dialogar sobre sem o apoio de um psicólogo na unidade escolar.

Diante disso, podemos questionar sobre alguns procedimentos da BNCC (2017) ao normatizar que o professor deve trabalhar em sala de aula habilidades como resiliência, empatia, autogestão, engajamento com os outros, amabilidade, entre outros. Neste documento norteador, cabe ao professor desenvolver junto ao alunado tais competências, pouco se fala sobre apoio psicológico nas escolas. É claro que, é válido que a escola contrua parcerias educação/saúde, mas de acordo com esse documento o professor deve prover esse conhecimento e desenvolver essas habilidades com os alunos.

Quando questionados sobre como a escola age, quando há um caso de tentativa e/ou suicídio, os profissionais da educação são enfáticos

Respondente 1: *É solicitado a presença dos responsáveis para as primeiras orientações e encaminhado esse estudante para receber atendimento dos profissionais da saúde através do seu PSF e do conselho tutelar. Tudo fica registrado em livro ata próprio com o suporte da Ficha de Violação dos Direitos e Violência Interpessoa/Autoprovocada.*

Respondente 2: *Chama a família, encaminha para a psicóloga e acompanha a criança diariamente.*

Respondente 3: *Sim, vários.*

Respondente 4: *A direção e professores quando tomam conhecimento, entram em contato com os familiares, conselho tutelar tentam encaminhar para profissionais, como forma de ajudar.*

A família e a escola exercem uma função importantíssima na formação do ser humano. Baumann (2001), ao abordar sobre os laços humanos cada vez mais fragilizados dialoga sobre a importância de saber quem realmente é real em nossa vida. A família é real, nesse lugar somos reais. Os jovens na escola muitas vezes se transvestem de personalidades que não são reais para se adequarem a determinados grupos como esboçado também por Martín-Baró, pertencimento a grupos. Desta forma, para esses profissionais é preciso que haja uma rede de apoio entre família, escola e a saúde para que seja efetiva a promoção da vida.

Quando perguntados: “Você acredita que as pessoas que falam sobre suicídio só o fazem para chamar a atenção e não pretendem, de fato, terminar com suas vidas?” Os entrevistados são unânimes ao afirmar que não. Para eles, quando uma pessoa fala certamente há uma grande possibilidade dela realizar o ato, visto que possivelmente já pensaram nisso, ou seja, muitas vezes quando se fala já existe uma tendência a prática do suicídio por achar que este ato aliviará todos os seus problemas existentes.

Como já esboçado ao longo do trabalho, o suicida não quer chamar atenção e sim acabar com a dor. É o seu último lamento, o fim da dor (Martín-Baró, 1966). Desta forma, é perceptível que os entrevistados têm essa consciência. É preciso observar, perceber mudanças comportamentais e acima de tudo é necessário empatia, ajudar o outro e valorizar a vida.

Por fim, aos serem perguntados sobre o que fariam se uma pessoa falasse diretamente com eles em tirar a própria vida, os profissionais responderam

Respondente 1: *Primeiramente iria ouvi-la e argumentar sobre a importância de se valorizar a vida. E em seguida lhe encaminharia para receber ajuda única e psicológica por profissionais capacitados da área da saúde.*

Respondente 2: *Aconselharia a não realizar esse ato, pois isso não seria a solução ideal para cessar o problema. Além disso pediria ajuda ao profissional da área para auxiliar de forma correta neste caso.*

Respondente 3: *Tentaria encaminhá-la para uma ajuda profissional e mostraria para essa pessoa que a vida dela é importante para mim e para outras pessoas também.*

Respondente 4: *Tentaria conversar, argumentar, falar sobre o valor da vida.*

Defronte a essas respostas, fica notório que os profissionais tem convicção que a escola precisa ajudar os alunos e novamente mantém-se a defesa de um profissional da saúde agindo na unidade escolar. Em 1971, no escrito “Problemas actuales en psicopedagogía escolar”,

Martín Baró é enfatido ao afirmar que

“[...] campos escolares en los que se suele requerir la ayuda del psicopedagogos el de los alumnos com problemas emocionales [...] No seremos nosotros quienes ataquemos esta tarea, francamente necesaria y util. Sin embargo esta tarea debe ser quizá no secundaria, pero segunda. Si no fuera así, el psicopedagogo se encontrará en perpetua lucha contra un muentro de cien cabezas: mientras cuerta una cabeza (“cura” a un alumno) el sistema se ha encargado de producir otras diez (frustar, neurotiziar o alienar a otros muchos)” (MARTÍN-BARÓ, 1971, p. 5).

Portanto, nas palavras do autor, a tarefa do psicólogo deve ser essencial nas escolas, de modo a auxiliar os professores e alunos a gerirem suas próprias emoções. Porém, segundo o autor, é preciso tomar cuidado para que o sistema (escola, família, relações interpessoais) não massacrem os alunos de tal forma que só cresça o número de jovens com algum distúrbio na saúde mental. Podemos afirmar, então, que é necessário o apoio da saúde, mas o mesmo não substitui o trabalho que deve ser feito no dia a dia da escola por todos os profissionais que nela estão. A seguir vamos observar ilustrações feitas pelos alunos e assim poderemos dialogar sobre o tema através da ótica desses educandos.

6.2 Produções dos estudantes: subjetividades e representações

Neste tópico esboçaremos as produções realizadas por alunos do ensino médio de uma escola estadual do município de Aquidauana/MS. Para tanto, os alunos foram expostos a diálogos sobre saúde mental e suicídio na adolescência e a partir de suas reflexões e opiniões a respeito do assunto foram instigados a colocar no papel por meio de ilustrações e escritos aquilo que eles sentem, enxergam, acreditam e/ou vivenciam sobre

a temática.

Já foram discutidas a fase do adolescer e como isso tem afetado profundamente na vida dos jovens, principalmente em como os desafios e transformações desta fase tem levado os adolescentes a adoecerem mentalmente até a decisão de morte. Agora, serão apresentadas as produções desses sujeitos.

Imagem IV - Aluno 1 com o trabalho intitulado “Ninguém me leva a sério quando estou triste”.

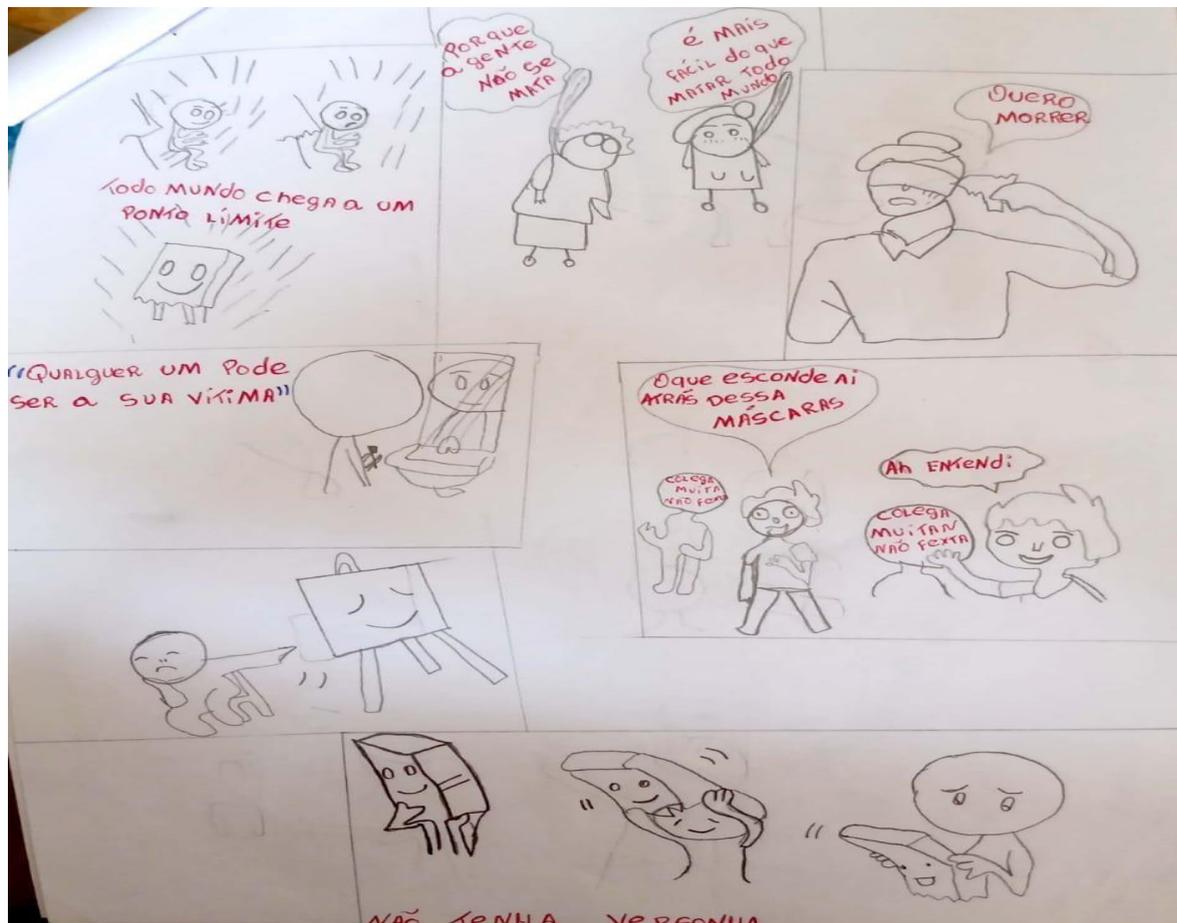


Para o aluno 1, muitas pessoas, inclusive na escola, como podemos observar pela disposição da cadeira, exemplificando uma sala de aula, tratam a depressão e o suicídio como frescura e como forma de chamar a atenção. Sobre isso, em seu escrito “La muerte como problema” de 1966, Martín-Baró discorre

“El existencialismo hará de la muerte una de las realidades claves de la existência humana, el látigo fundamental de la angustia” (MARTÍN-BARÓ, 1966, pág.1).

Assim, podemos refletir que para o autor, o existir é uma realidade chave e a morte é atofinal para dor, em suas palavras “o último chicote da angústia” (tradução da autora). Neste sentido, se imaginarmos que um adolescente em crise existencial ao pedir ajuda na escola, seu grupo funcional, é desacreditado pelas pessoas que nela estão, as chances dele pensar, tentar e até mesmo cometer o suicídio é muito maior.

Imagem V - Aluno 2 com o trabalho intitulado: “Tire as máscaras”.



Nesta ilustração, o aluno 2 aborda uma discussão importantíssima que faz parte da vida dos adolescentes, que é a aceitação dos demais. Ser aceito pelos colegas, pelos professores, pertencer aquele espaço, socializar são alguns dos principais objetos dos adolescentes. Martin-Baró (2003), ao dialogar sobre violência nos mais diversos contextos, descreve a ação de aceitação como “valorização social” ou “justificação”, “isto é, o valor que é dado a um ato e queo faz ser aceito, em uma determinada sociedade” (MARTÍN-BARÓ, 2003, pág.75).

Segundo Leme (2019) uma maneira de atuar nessa direção é melhorar a qualidade das relações interpessoais por meio do desenvolvimento e ampliação das habilidades sociais e de vida.

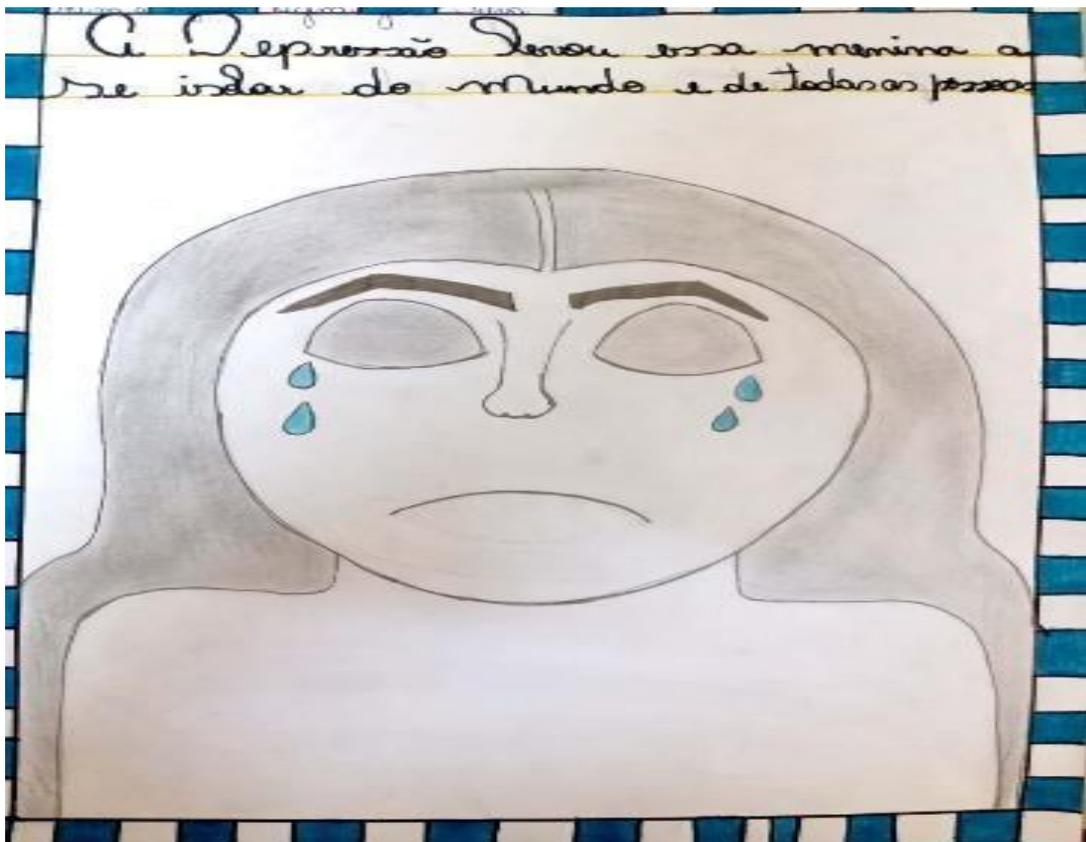
Este processo de aceitação dentro de um determinado grupo social é extremamente difícil nesta fase da vida do jovem. Muitos deles ao serem desprezados por seus pares não conseguem administrar tal fato, encontrando no isolamento, na autolesão e no suicídio uma solução para tal problemática.

Podemos perceber esta relação de dependência nos escritos do autor quando o mesmo aborda sobre o tema poder dentro das relações pessoais e grupais, Martin-Baró (2003), apresenta três características fundamentais do poder

Se dá nas relações sociais, o que significa dizer que as relações sociais têm um caráter de oposição e conflito; 2. Se baseia na posse de recursos, ou seja, “um dos sujeitos da relação, pessoa ou grupo, possui algo que o outro não possui ou possui em menor grau (quantitativo e/ou qualitativo)”, o que evidencia uma relação de desequilíbrio em relação a determinado objeto, e “3. Produz um efeito na mesma relação social” (p.97), que se dá tanto sobre o objeto da relação como sobre as pessoas ou grupos relacionados, podendo implicar na “obediência ou submissão de um, o exercício da autoridade ou do domínio do outro (MARTÍN-BARÓ, 2003, pág.97).

Portanto, ao serem expostos a tais conflitos os adolescentes muitas vezes preferem se “transvestir” de outras personalidades para serem considerados parte daquele grupo. É claro que por estar nesta fase de transição, o adolescente não mantém por muito tempo as “máscaras de personalidades diferentes” como esboçado no desenho, o que pode provocar no jovem problemas maiores como os distúrbios mentais.

Imagem VI – Aluno 3 com o trabalho intitulado “Depressão mata!”



Na imagem VI, o aluno 3, aborda a depressão como um dos fatores que leva o adolescente a pensar em suicídio, especialmente quando o mesmo se isola e é desacreditado. Martín-Baró parafraseando Malow disse que um motivo é tudo que impulsiona a ação e que eles podem ser de carência e/ou crescimento, em suas palavras “a satisfação das carências evita as doenças/ enfermidades e a satisfação do crescimento produz saúde.” Para ele, motivos relacionados a carência estão relacionados a fisiologia e psicologia humana cuja sua satisfação preserva a vida, já os motivos relacionados a crescimentos estão ligados nas potencialidades e no desenvolvimento pessoal do ser humano (MARTÍN-BARÓ, 1971, p. 5).

Nesta imagem, novamente é enfatizado as comorbidades psicológicas, neste caso, o aluno destaca a ansiedade como gatilho a tentativa e/ou suicídio, já que na própria visão desses jovens, eles sozinhos não conseguem lidar com tais sentimentos e sensações.

Imagem VII- Aluno 4 com o trabalho intitulado “Ansiedade e morte”



Neste viés, a OMS (2000, p.16), destaca algumas recomendações para os professores e funcionários da escola como o trabalho de prevenção, onde esses profissionais enfrentam um grande desafio, já que “o suicídio não é uma peça incompreensível da tristeza: estudantes suicidas dão às pessoas ao seu redor advertências e espaço suficientes para intervenção.” Sendofundamental na escola

- Identificar os alunos com distúrbios de personalidade e oferecer-lhes apoiopsicológico;
- Forjar laços mais estreitos com os jovens, conversando com eles e tentando compreender e ajudar;
- Aliviar o sofrimento mental;
- Estar atento e treinado para o reconhecimento precoce da comunicação suicida seja por meio de declarações verbais e / ou mudanças de comportamento;
- Ajudar os estudantes menos habilidosos com seus trabalhos escolares, paraser observador da evasão escolar;
- Reduzir a estigmatização da doença mental e ajudar a eliminar o abuso deálcool e drogas para encaminhar os estudantes ao tratamento de transtornos psiquiátricos e de abuso dessas substâncias;
- Restringir o acesso dos alunos aos meios de suicídio - drogas tóxicas e letais, pesticidas, armas de fogo e outras armas, etc;
- Dar aos professores e aos demais profissionais da escola acesso aos meiosde aliviar o seu stress no trabalho (OMS, 2000, p.16).

Portanto, neste contexto é essencial o papel da escola e de seus colaboradores na identificação de comportamentos que possam corroborar para a tentativa e/ou suicídio desses adolescentes escolares.

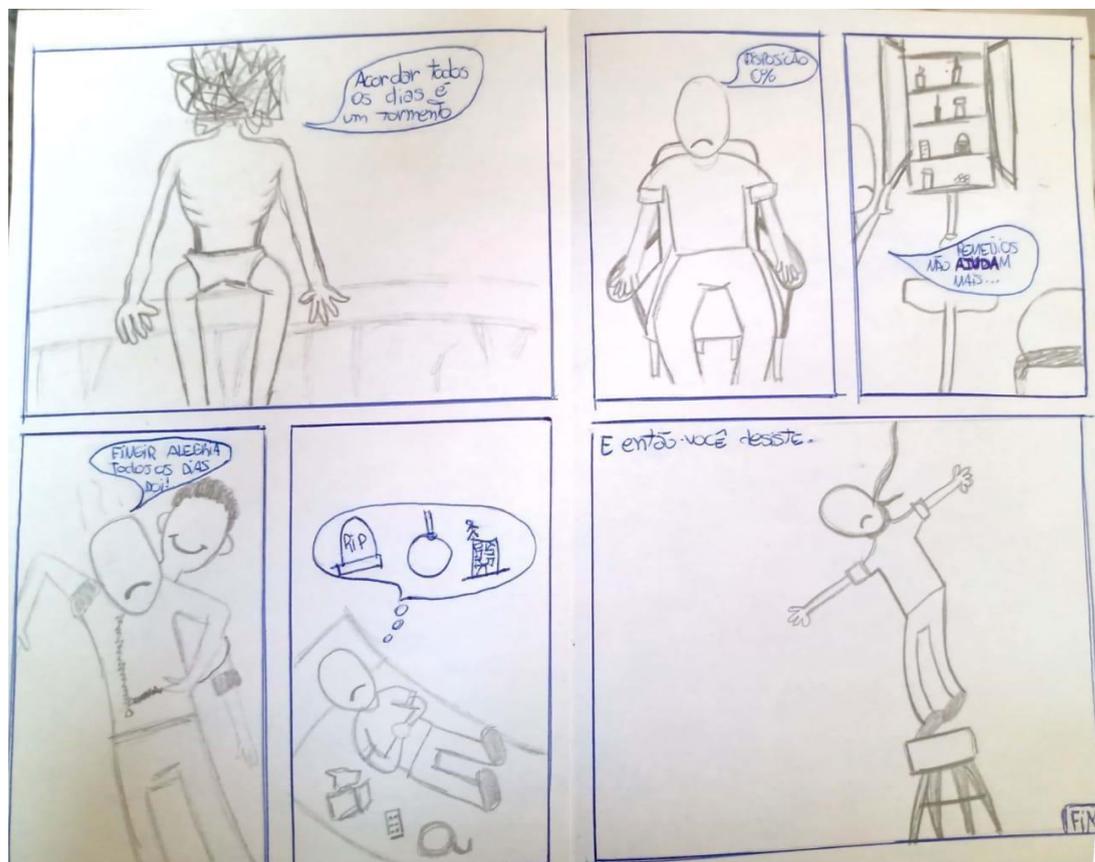
Imagem VIII- Aluno 5 com o trabalho intitulado “Mas você sempre está sorrindo.”



Nesta imagem, podemos observar claramente as contribuições de Lipovetsky (2005), ao esboçar sobre a Era do Vazio. Fica evidente aqui que para esse aluno o fato de rir e “socializar” com os colegas tira a credibilidade da sua dor. Para muitos o depressivo ou suicida precisa necessariamente ser/estar triste e principalmente não ter uma relação social com outras pessoas, afinal quem está triste, não sorri, não sai de casa, não vive.

Imagens felizes estão cada vez mais sendo vendidas, principalmente por meio das redes sociais e marcam a real situação do indivíduo, que se afunda cada vez mais na era do vazio, descrita pela autora.

Imagem IX- Aluno 6 com o trabalho intitulado “Viver pra quê?”

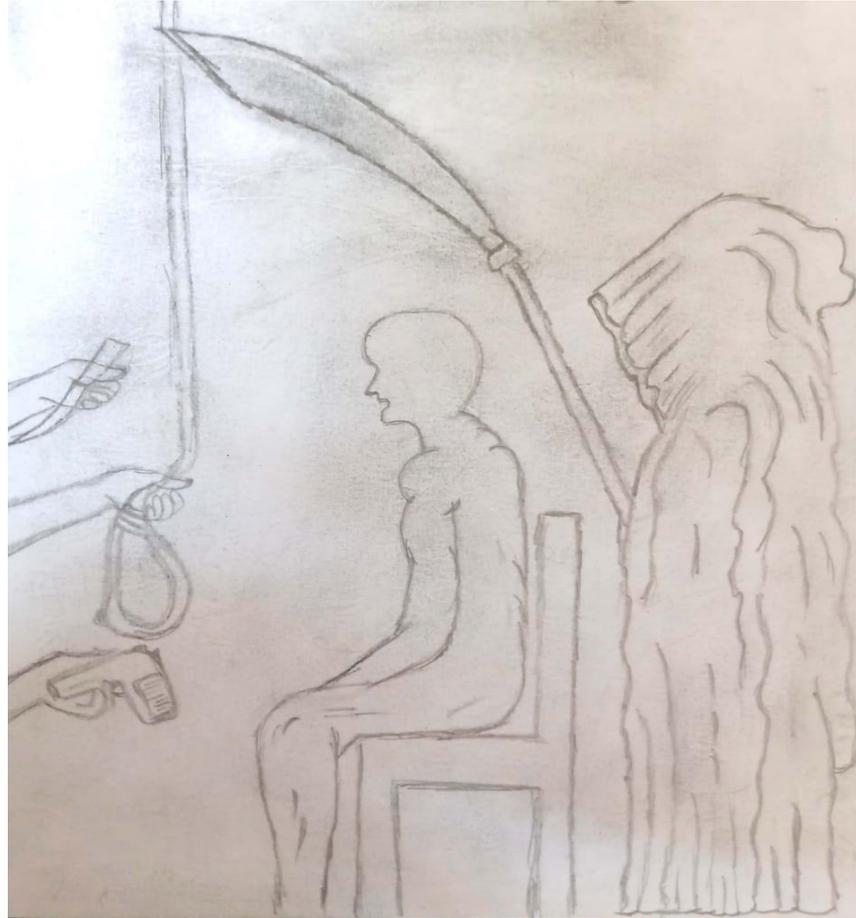


Analisando esta ilustração, observa-se que o aluno se coloca desmotivado. Na linha do tempo ilustrada o estudante já desperta com o sentimento de vazio e de sofrimento. Nos quadrinhos que seguem podemos ver remédios, máscaras de felicidade e a solidão onde imperam pensamentos negativos de desistir da vida. O aluno não vê sentido na vida, afinal “viver pra quê?” em uma sociedade que não se pode ser real, que é necessário interagir e para isso você se veste de personalidades que não são suas.

Sigmund Freud (1917), ao discorrer sobre o sujeito melancólico, dialoga sobre

o ser que acaba por se odiar, se rejeita e busca a própria morte. Para o autor, esse ser não se sente querido pelos próprios parentes e amigos, já não se enxerga na solidão que está imerso. Na ilustração acima, podemos observar tal constatação, já que para o aluno ele não é acolhido por ninguém e a vida não tem sentido.

Imagem X - Aluno 7 com o trabalho intitulado “O que o mundo me oferece?”



“O que o mundo me oferece?” aponta como o jovem se sente na atualidade, bombardeados de tantas informações e não sabendo como escolher de forma correta as mais variadas possibilidades. A juventude atual, como descrita ao longo deste trabalho encerra uma batalha diária entre o certo e o errado, o que é real e o que não é, quem são reais e se importam com você verdadeiramente. Os adolescentes vivem na “Era do Vazio”, apontada por Lipovetsky (2005). Para esse autor, os jovens vivem em uma realidade alternativa, a vida real para eles é um embate diário e a fuga desta realidade é necessária. Com a metáfora, “Era do Vazio”, o autor quer dizer que os adolescentes vivem desorientados, em crise, e desta forma, em eminência de se enxergarem “sem saída” escolhem a morte.

Imagem XI - Aluno 8 com o trabalho intitulado “A menina que não aguentou”.



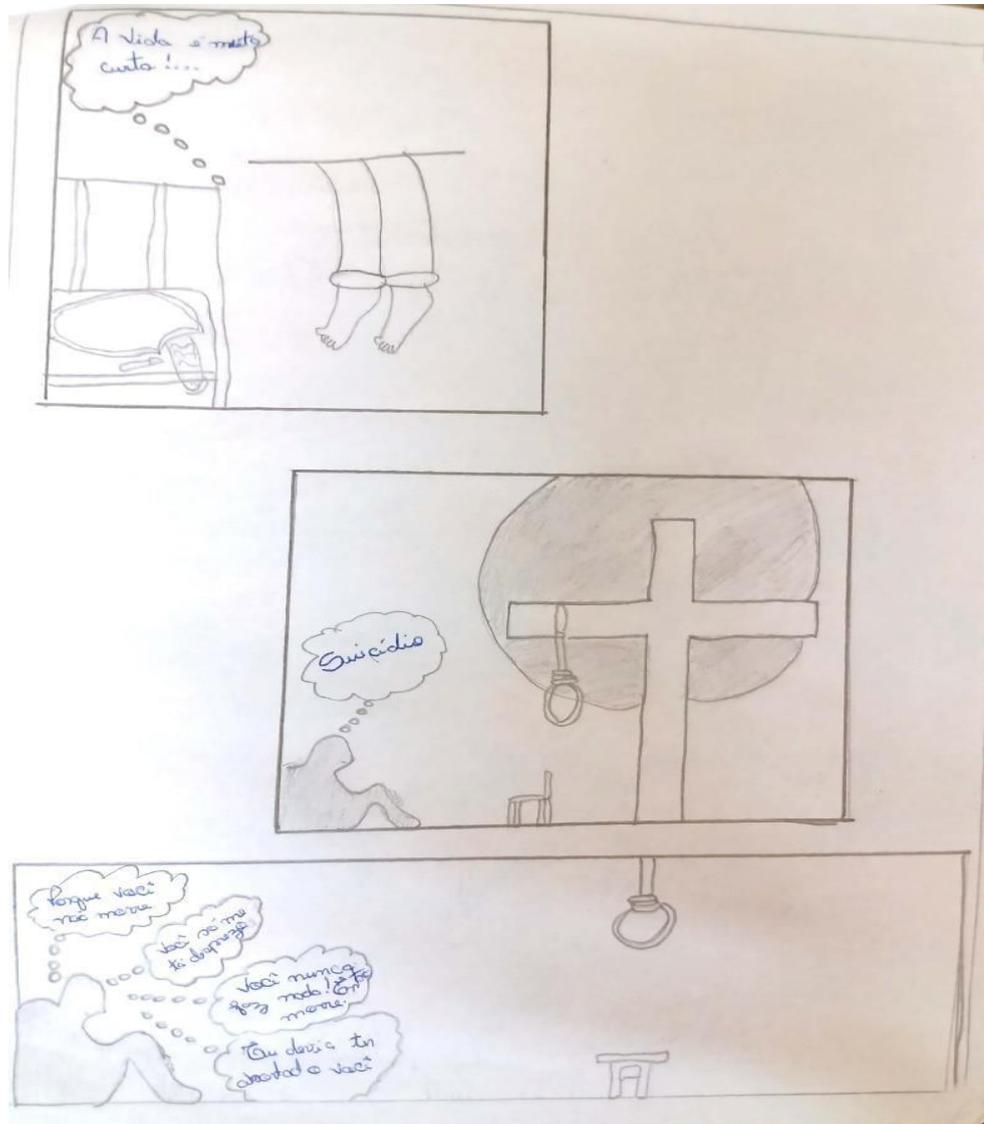
Nesta imagem, podemos ver que o aluno 8, manifesta sentimentos como solidão, cansaço, exaustão emocional e atribui a isso o distúrbio mental depressão. A este respeito, a OMS (2016) destaca que depressão é uma das causas que mais tem assolado a juventude. Como consequência os adolescentes, com um turbilhão de novidades, são pressionados e acabam adoecendo. É evidente que, para eles a forma de acabar com tal mal estar é a morte. Desta feita, o cenário atual é preocupante, pois o jovem escolar não consegue lidar com seus próprios conflitos e acaba se perdendo diante de suas angústias.

Ao dialogar sobre violência, Martín-Baró aborda sobre situação limite, onde a mesmanada mais é do que a compreensão da relação indivíduo e sociedade. Neste viés, o autor esboça que

A ideia de libertação, decorrente desta formulação, pode ser entendida como condição e como fim, como objeto e como objetivo, que visa à busca pela superação destas condições sociais opressivas e luta pelo estabelecimento de relações interpessoais emancipadas (MARTÍN-BARÓ, 2000).

Desta forma, dá-se a entender que diante dos conflitos, os adolescentes, enfrentam a situação limite e ao não ser compreendido acaba por gerar sofrimento para si, a ponto de não suportando a carga, atentar contra a própria vida.

Imagem XII- Aluno 9 com o trabalho intitulado “Eu não queria morrer.”



A ilustração “Eu não queria morrer” acende uma luz à nossa pesquisa. Ao longo da pesquisa vários autores discutiram sobre esta temática. O suicida não quer morrer, que acabar com a dor e com o sofrimento. Para ele é melhor doer na carne do que na alma. Os jovens e adolescentes não querem morrer, eles buscam outras saídas, mas quando se veem sozinhos, entram em desespero e é aí que acontece o ato suicida.

Por fim, vale esboçar aquilo que o Núcleo de Estudos do Suicídio afirmou em 2002, quando um jovem num ato derradeiro tira a própria vida, cada um de nós perde também, toda sociedade morre um pouco com ele, já que ele não conseguiu encontrar estímulo e nem auxílio para se equilibrar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que o suicídio está relacionado com a falta de diálogo sobre esta temática na escola? Essa foi uma questão fundamental que norteou esta pesquisa. E para compreender esta colocação foi necessário percorrer alguns escritos a fim de evidenciar se a premissa levantada seria de fato uma realidade.

Trabalhar esta temática nos impôs alguns desafios, principalmente, por se tratar de um tema que requer ao mesmo tempo, cuidado e urgência. Desse modo, a estratégia de traçar um panorama sobre suicídio sob a ótica dos estudos culturais na vida dos adolescentes nos pareceu relevante.

A proposta deste trabalho foi pensar suicídio de forma diferente a outros estudos, que em sua maioria evidenciam saúde mental, pois o mesmo se dá muito além da perspectiva médica. Desta forma, falar sobre suicídio neste trabalho foi promover uma reflexão longe de reducionismos e tabus.

Nesta perspectiva, percorremos desde o primeiro tópico caminhos que nos puderam munir de informações e dados, incentivando-nos a pensar além. Morte, vida, morte da vida de jovens e adolescentes. Discorrer sobre este tema foi desafiador e glorioso, ao longo do percurso descobrimos novos conceitos e reinventamos a forma de promover a vida.

Assim, esta pesquisa inicia com seu percurso metodológico, discorrendo sobre as informações iniciais e necessárias a respeito deste trabalho. Tal feito, nos possibilitou um exercício de planejamento e análises antes de seguir na caminhada da pesquisa com professores, direção, coordenação e alunos, assim como com os procedimentos bibliográficos e de investigação nos estudos de caso. Foi um processo de amadurecimento e de mudanças, sempre que necessário, ao longo de cada passo metodológico adotado.

Posteriormente, empenhamos esforços para dialogar sobre a importância da escola diante dos novos desafios para o desenvolvimento dos estudantes e um estudo mais profundo sobre a Base Nacional Comum (BNCC, 2017) dialogando sobre as competências socioemocionais na educação. Diante dos fatos, foi possível perceber que a BNCC busca contemplar as habilidades socioemocionais na escola, sendo possivelmente uma tentativa de abarcar e introduzir esses aspectos emocionais dentro dos espaços educacionais.

Discutimos também ao longo deste capítulo sobre como de fato esta sendo colocada em prática as ações propostas na BNCC em relação as competências socioemocionais, que podeseer uma forma da escola trabalhar efetivamente temáticas

como suicídio, dialogando com os alunos e promovendo discussões somativas que contribuem no desenvolvimento pessoal e educacional de cada estudante dentro e fora da unidade escolar.

Além disso, discorremos sobre adolecer, esta fase tão importante na formação pessoal dos estudantes. Entender um pouco desta fase foi essencial para esta pesquisa. Perceber esta fase de transição, seus questionamentos e indagações proporcionaram analisar de forma coesa. Logo depois, foi realizada uma contextualização histórica do suicídio, construindo um processo de reflexão sustentada por diferentes teóricos dos Estudos Culturais. Foi possível, nesta etapa, perceber que ao longo da história, há relatos sobre o suicídio, e que este é modificado ao longo do tempo, assim como seu significado, dependendo da cultura em que está inserido, ou seja, observamos que o suicídio pode ser tolerado, considerado como poder e até mesmo condenado.

Em seguida, propõe-se um diálogo sobre a influência do estado, as relações de poder e o suicídio, explicitando sobre educação e mídia, onde foi possível inserir a discussão de como as relações sociais na era digital interfere nas decisões diárias dos adolescentes, bem como, as mídias que têm um papel fundamental na divulgação e propagação do suicídio entre os jovens e adolescentes e as mudanças que ocorrem como adolecer.

Percebemos neste cenário que, os *millenels* sofrem sim, interferências do meio o qual estão inseridos, especialmente nas redes sociais, sendo tal fato constatado ao longo do trabalho em algumas ilustrações com em identidades aderidas para se colocarem em determinados grupos.

Com o avanço da tecnologia, cada vez mais precoce na vida dos jovens, observamos principalmente através dos estudos de Bauman, como os jovens se transvestem de outras personalidades para não serem julgados ou excluídos e quando feito ao contrário, se perdem, se frustram e alguns entram em colapso, vendo na morte a solução da dor.

Por fim, as análises feitas, com as respostas das entrevistas realizadas com os profissionais da educação fica evidente que os mesmos percebem a importância de tratar tal tema na escola. Muito precisa ser feito/mudado/alterado dentro do cenário escolar para que efetivamente este diálogo aconteça, como por exemplo, capacitação dos professores, apoio psicológico e pedagógico para que os mesmos se sintam confortáveis e seguros para abordar o suicídio de forma não hegemônica somente da área da saúde.

Criação de projetos pedagógicos que promovam trocas de experiências e informações, entre outros projetos: debates de filmes, construção de bate papos sobre a era digital e programa de escuta são algumas atitudes e caminhos que podem ser adotados para que haja uma mudança real do cenário apontado nesta pesquisa.

Por meio das produções dos alunos, fica evidente a vulnerabilidade emocional desses estudantes, e é unânime o quanto eles se sentem precisados a serem aceitos, vistos, lembrados, amados e respeitados não só em casa, na família, mas na escola, dentro dos seus grupos sociais. Ficou claro que os jovens não estão sofrendo somente com as transições adolescentes, mas também com problemas reais. Jovem/adolescente sofre sim e a voz deste público precisa ser ouvida, dentro e fora da escola.

Portanto, é possível afirmar diante de todos os levantamentos, escritos e análises da pesquisa que a escola e os estudantes precisam dialogar, trocar percepções e promover encontros para discorrer sobre suicídio na escola, a fim de romper com os paradigmas e preconceitos, e acima de tudo promover a vida. Conclui-se, desta feita que, é papel da escola abordar os mais diversos temas em seu espaço e o estudante precisa conhecer as possibilidades, ou seja, estar munido de conhecimento quando defrontados com os problemas do dia a dia. E para além disso, ele precisa falar e ser ouvido, e desta forma poderá perceber outras saídas quando enclarrados. Poderá pedir ajuda quando preciso for. Poderá desfrutar da vida e anunciar o que aprendeu salvando tantas outras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, K. P. D.; LIMA, M. A. D. D. S.; KOHLRAUSCH, E. R.; SOARES, J. D. S. F. Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. Goiânia. Vol. 12, 2010:196. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/9537/6607> Acessado em 13 de out de 2019.
- ALVES, R. O morto que canta. In: CASSORLA, R. M. S. (coord.). **Do suicídio: estudos brasileiros**. Campinas: Papyrus, 1991, pág. 11-15.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). **Comportamento suicida: conhecer para prevenir** dirigido para profissionais da imprensa. São Paulo: ABP, 2009. Disponível em: www.abpbrasil.org.br/sala_imprensa/manual/ . Acesso em: 15 out de 2019.
- BAGGIO, L.; PALAZZO, L. S.; AERTS, D. R. G. C.. Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25,p. 142-150, 2009.
- BARBOSA, M. S. S. **O papel da escola: obstáculos e desafios para uma educação transformadora**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2004, pág. 45-48.
- BAPTISTA, M. M. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets** [Online], Première Série - 1 Numéro Spécial, 2009.
- BAUMAN, Z. A amizade Facebook. **Fronteiras do pensamento**. Disponível em: <https://youtu.be/5Lm2O3Q56Wg> . Acesso em 26 de novembro de 2019.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1991.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BAUME, P; ROLFE, A; CLINTON, M. Suicide on the internet: A focus for nursing intervention? **Australian & New Zealand Journal of Mental Health Nursing**, 1998, pág 134-141.
- BBC. **O que é a 'Momo do WhatsApp' e quais são os riscos que ela representa?**. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/08/06/o-que-e-a-momo-do-whatsapp-e-quais-sao-os-riscos-que-ela-representa.ghtml> . Acesso em 6 de Setembro de 2019.
- BECKER, K.; SCHMIDT, M. H. **When kids seek help on line: internet chat**

rooms and suicide. Reclaiming child and youth, 2005, pág. 229-230.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias:** uma introdução ao estudo de psicologia. 13 ed. Editora Saraiva. São Paulo, 2001, pág. 356-357.

BRAGA, L. D.; DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão egênero. **Contextos Clínicos**, 6(1), 2013, pág. 2-14.

BRUM, E. **O suicídio dos que não viraram adultos nesse mundo corroído:** Por que, nesteséculo, mais adolescentes têm respondido ao desespero deletando a própria vida? El País. 2018.

BRASIL. **PORTARIA Nº 1.876, DE 14 DE AGOSTO DE 2006.** Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html acesso em 18 de set de 2019.

BRASIL. **Lei nº. 9.394/96, de 20/12/96.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN).

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. **Lei de diretrizes e Bases da educação.** Lei Federal nº 9394 de 1996. Brasília: Senado Federal, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 05/08/2020.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à Internet. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016, pág. 14.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico.** Coleção Campo Teórico, v. 3, 1990.

CASSORLA, R. M. S. Como lidamos com o morrer: reflexões suscitadas no apresentar estelivro. In: CASSORLA, R. M. S. (coord). **Da morte:** estudos brasileiros. Campinas, Papirus, 1998.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede:** a era da informação. Economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1, pág. 394.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede:** a era da informação. Economia, sociedade e cultura. V. 1, 13ª reimpressão, 2010.

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais.** Boitempo, 2003.

CHAGAS, J. C.; PEDROZA, R. L. S. Patologização e medicalização da educação superior. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 32(1), 1-10. doi:10.1590/0102-3772e32ne28, 2017.

CORIN, E.; LAUZON, G. Positive Withdrawal and the Quest for Meaning: the Reconstruction of Experience Among Schizophrenics. **Psychiatry**, 55, 1992, pág. 266-81.

CORRÊA, H; BARRERO, S. P. **Suicídio uma morte evitável**. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2006.

CÔRTE, B.; MUSSI, L. H. A palavra suicídio, o que você pensa sobre ela? **Revista Longevidade**, n. 22, 2012, pág. 60.

DANTAS, D. S. A significação da morte voluntária: estudo sobre o papel da mídia em suicídios contemporâneos. **Lumina**. Juiz de Fora - Facom/UFJF - vol. 8, n.1/2, p. 47- 61 jan/dez 2005. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/Lumina14-15-DeniseSouzaDantas.pdf> Acesso em: 03 jul. de 2019.

DE MORAES, A F. Suicídio na mídia semanal. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 7, n. 1, 2013, pág 1-17.

DE MORAES, M. C. O paradigma educacional emergente. In: DE MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 8. ed. São Paulo: Papyrus, 2002. pág. 135-207.

DESJARLAIS, R.; EISENBERG, L; GOOD, B.; KLEINMAN, A. **Salud mental en el mundo**: problemas y prioridades en poblaciones de bajos ingresos. Organización Panamericana de la Salud, 1997.

DEVEREUX, G. **Normal and Abnormal: The Key Problem of Psychiatric Anthropology**. Some Uses of Anthropology: Theoretical and Applied. Washington, The Anthropological Society of Washington, 1971.

DIAS, M. T. **Os donos da voz**: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. São Paulo: Boitempo/FUVESP 2000, pág. 70-90.

DUQUE, T. PEREIRA, C. LEAL, D. **Baleia azul**: uma nova forma de comportamentos autolesivos. Sessões clínicas do HFF. Serviço de Psiquiatria, 2017, pág 1-35.

DURKHEIM, E. O suicídio. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. DURKHEIM, E. **Le suicide**: étude de sociologie. F. Alcan, 1897.

DURKHEIM, É. **Divisão do trabalho e suicídio**. São Paulo: Ática, 2000, pág. 159-160.

ESSLINGER, I.; KOVÁCS, M. J. **Adolescência**: vida ou morte? São Paulo: Ática, 2006, pág. 96.

ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. **Saúde mental na escola**: o que os educadores devem saber. Artmed Editora, 2014, pág. 25.

FAUSTO NETO, A. **Mortes em derrapagem**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FEIJÓ, R.B; OLIVEIRA, E.A. Comportamento de risco na adolescência. **Jornal de**

Pediatria. Rio de Janeiro, v. 77, Supl.2, 2001, pág. 125-133.

FERREIRA JUNIOR, A. O comportamento suicida no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, v.2, n.1, pág. 15-28, 2015. Disponível em: <http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/04/Ferreira-Junior-2015-Ocomportamento-suicida-no-Brasil-e-no-mundo.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2019.

FERREIRA, R. E. C. **O suicídio**. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.Coimbra, 2008, pág. 8. Disponível em: <file:///C:/Users/Tamires/Desktop/suicidio/o%20suicidio%20er%20interessante.pdf> . Acesso em: 15 set. 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Vol 1 - A vontade de saber. Rio de Janeiro. Ed.Graal. 1998, pág. 130.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos** (1914- 1916). Direção-geral da tradução deJayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pág. 249-263. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas, 14).

FUNK; W. **New Encyclopedia**. Suicide. v. 24, p. 422-3, Funk & Wagnalls Inc., EstadosUnidos, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAHAM, R. **Redes sociais fazem jovens viverem como em um zoológico**, diz psiquiatra. Juliana Carpanez. UOL Tecnologia. Disponível em: <https://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2011/11/11/redes-sociais-fazem-jovens-viverem-como-em-um-zoologico-diz-psiquiatra.jhtm> . Acessado em 26 de novembro de 2019.

GUAZINA, L. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafiosinterdisciplinares. **Revista Debates**, v. 1, n. 1, 2007, p. 49.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. V.11 DP&A Editora, 102 p., 1992.HALL, S. A. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v.22, n2. 1997, pág. 17.

HALL, S. A. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Editora Vozes,2005, pág. 136.

HALL, S. **On ideology: cultural studies**. Birmingham: Centre for Contemporary CulturalStudies, 1972.

INSTITUTO AYRTON SENNA. UNESCO. **Competências socioemocionais: material dediscussão**. [2015]. Disponível em <http://educacaosec21.org.br> . Acesso em: 16/07/2020.

INSTITUTO AYRTON SENNA (IAS). Instituto Ayrton Senna. Disponível em: <https://www.institutoayrtonsenna.org.br/pt-br.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

JANS, T. et al. **Suicídio e comportamento autolesivo**. 2020.

JERUSALINSKY, J. A melancolização na infância contemporânea: entre o linchamento virtual e a política do “no touch”. **Cadernos de Psicanálise – SPCRJ**, v. 34, n. 1, p. 26-33, 2018.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gizele de Souza. **Revista brasileira de história da educação**, Campinas, Editora Autores Associados, n. 1, p. 9-43, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/Leonardo/AppData/Local/Temp/273-846-1-PB.pdf> Acesso em 30 de julho de 2020.

JÚNIOR, A. F.; PEREIRA, M. E. Cuidados na divulgação da morte por suicídio e por homicídio: uma perspectiva crítica. In: FUKUMITSU, K. O. **Vida, morte e luto - Atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018, pág 257-268.

KAPLAN, H. I.; SADOCK B. J.; GREBB, J. A. Emergências psiquiátricas. In: **Compêndio de psiquiatria**. Ciências do comportamento e psiquiatria clínica. 7. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2003, pág. 753-770.

KLEIN, L. F. **A educação integral segundo a pedagogia inacioniana**. I Encontro Virtual de Diretores Acadêmicos da FLACSI. 4 set. 2017, pág. 1. Disponível em <pedagogiaignacioniana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3839>. Acesso em 03 mai. 2020.

KRUG, E. G. Organização Mundial da Saúde (OMS). **Relatório mundial sobre violência saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002, pág. 160-161.

KRÜGER, L. L.; BLANCA, S. G. W. A dinâmica familiar no contexto da crise suicida. Porto Alegre. **Rev. Psico-USf**, v. 15, n. 1, 2010, pág. 59-70.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro, editora Imago, 1983.

LEME, V. B. R. et al. Habilidades sociais e prevenção do suicídio: relato de experiência em contextos educativos. **Estud. pesqui. psicol.** [online]. 2019, vol.19, n.1 [citado 2021-03-30], pp. 284-297. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100016&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1808-4281.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**. Barueri: Manole. 2005.

LISBOA, C. S. M.; Braga, L.; Ebert, G. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínicos**, 2009, pág. 59-71.

MARTÍN-BARÓ, I. La muerte como problema filosófico [Death as a philosophical problem]. ECA. **Estudios Centroamericanos**, v. 21, pág. 1, 1966.

MARTÍN-BARÓ, I. Problemas actuales en psicopedagogía escolar [Current problems in school psychopedagogy]. ECA. **Estudios Centroamericanos**, v. 26, pág. 401-413, 1971.

MARTÍN-BARÓ, I. El Hacinamiento residencial: ideologización y verdad de un problema real. **Revista de Psicología Social**. México. 1985.

MARTÍN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder**. Psicología social desde Centroamérica II. San Salvador: UCA Ed., 1989. (Colección Textos Universitarios, 10)

Martín- Baró, I. **Guerra y salud mental**. In: I. Martín-Baró (Org.). Psicología social de la guerra: trauma y terapia. San Salvador: UCA Editores, 2000.

MARTIN-BARÓ, I. Las raíces estructurales de la violência. In: MARTIN-BARÓ, I. **Poder, Ideologia y violencia**. Madrid: Trotta, 2003.

MEIHY, M. S. B. A cegueira de Sherlock Holmes: novos olhares e epistemologias sobre a contemporaneidade. In: GOMES, A. R.; MENEZES, M. A.; GONZÁLEZ, J. M. **Novas epistemes e narrativas contemporâneas**. Ed Life. 1. ed, Campo Grande – MS, 2017.

MELEIRO, A.; TENG, C. T.; WANG, Y. P. **Suicídio estudos fundamentais**. 1. ed. São Paulo: Segmento Farma, 2004, pág. 220.

MENEGAZZO, M. A. **Estudos de linguagem**. Inter-relações e perspectivas. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, pág. 71-82.

MENEGHEL, S. N.; V, C. G.; FARIA, N. M. X.; CARVALHO, L. A.; FALK, J. W. Características epidemiológicas do suicídio no Rio Grande do Sul. **Revista Saúde Públ.** V.38. N. 6. 2004, pág. 804-810.

MENNINGER, K. **Los motivos** (Cap. II). In: El hombre contra si mismo. Editorial Losada. Buenos Aires, 1952, pág. 29-86.

MICHETTI, M. Entre a legitimação e a crítica: as disputas acerca da Base Nacional Comum Curricular. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 35, n. 102, e3510221, 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092020000100507&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Mar. 2021. Epub Feb 03, 2020. <https://doi.org/10.1590/3510221/2020>.

MORETTI, F. A.; HÜBNER, M. M. C. O estresse e a máquina de moer alunos do ensino superior: Vamos repensar nossa política educacional? **Revista de Psicopedagogia**, 34(105),258-267, 2017.

Núcleo de Estudos do Suicídio (NES). **O suicídio adolescente em Portugal**. Disponível em: <https://nes.pt/o-nes/>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

NIEDZWIEDZ, C.; HAW, C.; HAWTON, K.; PLATT, S. The Definition and Epidemiology of Clusters of Suicidal Behavior: A Systematic Review. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, 2014, pág. 569-581.

OLIVEIRA, A. M.; BICALHO, C. M. S.; TERUEL, F. M.; KAHEY, L. L.; BOTTI, N. C. L. Comportamento suicida entre adolescentes: Revisão integrativa da literatura nacional. **Adolescência & Saúde**, 14(1), 88-96, 2017.

O GLOBO. '**Quando a criança se submete ao desafio, ela já foi exposta a ele outras quatro vezes**', diz especialista sobre jogos perigosos na internet-Menina de 12 anos teve 49% do corpo queimado após participar do 'Desafio do fogo', disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/quando-crianca-se-submete-ao-desafio-ela-ja-foi->

[exposta-ele-outras-quatro-vezes-diz-especialista-sobre-jogos-perigosos-na-internet-23000782](#) Acesso em 23 de Agosto de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial, 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/saude-mental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/>. Acesso em: 10 out. 2019

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção do suicídio:** um manual para profissionais da mídia. Genebra, 2000. Disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf. Acesso em: 3 de maio de 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção do suicídio:** manual para professores e educadores. Genebra, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos da Criança.** 1959. Disponível em <http://www.mj.gov.br/sedh/dca/dircria.htm> Acesso em 05/07/2020. Acessado em 10 de agosto de 2020.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICOS. **Estudos da OCDE sobre competências.** Competências para o progresso social : o poder das competências socioemocionais / OCDE. São Paulo: Fundação Santillana, 2015.

ORPINAS, P. La prevención de la violencia escolar: de la teoría a la práctica. In C. Berger, & C. Lisboa (Orgs.). **Violencia escolar: estudios y posibilidades de intervención en Latinoamérica.** Santiago, Editorial Universitaria. 2009, pág. 36-57.

PELARIGO, J. F. **Os 10 desafios mais perigosos da internet.** Disponível em: <http://spotmais.iol.pt/baleia-azul/jogos/estes-sao-os-desafios-online-mais-perigosos> . Acesso em 23 de Agosto de 2019.

PEREIRA, C. C.; BOTTI, N. C. O suicídio na comunicação das redes sociais virtuais: revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**(17), 2017, pág. 17-24.

PINA, Á. “Intellectual Spaces of Practice and Hope: Power and Culture in Portugal from the 1940s to the Present”. In: **Cultural Studies - Theorizing Politics, Politicizing Theory (Intellectual Practices in Culture and Power: Transnational Dialogues)**. vol.17, nº 6, Nov, pp:747-766, 2003.

PHILLIPS, D. The influence of suggestion on suicide: Substantive and theoretical implications of the Werther effect. **American Sociological Review**, 1974, pág. 340-354.

PRIOSTE, C. D. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016, pág. 182.

RESMINI, E. **Tentativa de suicídio:** um prisma para a compreensão da adolescência. 1. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2004, pág. 81.

RIBEIRO, D. M. **Suicídio:** critérios científicos e legais de análise. Universidade

Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em:
<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/12595-12596-1-PB.pdf> Acesso em: 03 jul. de 2019.

ROQUE, M. Internet. In: SARAIVA, C. B.; PEIXOTO, B.; SAMPAIO, D. Suicídio e comportamentos autolesivos-dos conceitos à prática clínica. Lisboa: **Lidel**. 2014, pág. 515-522.

ROY, A. Emergências psiquiátricas. In: KAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J. (eds). **Tratado de psiquiatria**. Vol. 2, 6a ed., Artmed. Porto Alegre, 1999, pág. 185.

SCHLÖSSER, A.; ROSA, G. F. C.; MORE, C. L. O. Comportamento suicida ao longo do ciclo vital. **Temas em Psicologia**, 22(133), 135-145, 2014.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003, pág. 24.

SANTOS, J. **Suicídio em Mato Grosso do Sul, Brasil: fatores sociodemográficos**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010, pág. 78.

SARQUES, B. **A representação do suicídio na campanha do Centro de Valorização da Vida**. 2011. Disponível em:
<https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-0857-1.pdf>

SAWAYA, S. M. Novas perspectivas sobre o sucesso e o fracasso escolar. In: OLIVEIRA, M. K.; SOUSA, D. T. R.; REGO, T. C. (Org.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Editora Moderna. 2002, pág. 197-213

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas nas escolas: bullying**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, pág. 15-25.

SILVA, L. L. T. **Tentativa de auto-extermínio entre jovens e adolescentes: uma análise compreensiva**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, pág. 102.

SILVA, M. M. **As representações sociais do suicídio na trama da comunicação**. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1997.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG. Belo Horizonte MG, 2010, pág. 15.

TEIXEIRA, C. M. F. S. Tentativa de suicídio na adolescência - **Rev. Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Vol. 6, No. 1, jun 2004 *on line*. Disponível em: www.fen.ufg.br Acesso em: 25 outubro de 2019

TEIXEIRA, C. M. F. da S. **A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes: relato de experiência**. Curso ministrado no X Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação da UFG, de 27 a 28 de agosto de 2001 – Goiânia (GO).

THOMPSON, J. B. **The media and modernity: A social theory of the media**. Stanford University Press, 1995, pág. 23-25.

THOMPSON, J. B. **O advento da interação mediada**. A mídia e a modernidade: uma teoriasocial da mídia. 1999.

TRAVERSO-YEPEZ, M. T. PINHEIRO, V. S. Adolescência, saúde e contexto social:esclarecendo práticas. **Psicologia & Sociedade**; v.14, n.2, 2002, pág. 133-147.

TURKLE, S. **Life on the screen: Identity in the age of the Internet**, Nova York: Simon &Schuster, 1995, pág. 26.

WERLANG, B. G.; BOTEGA, N. J. **Comportamento suicida**. 1.ed. Porto Alegre: Artmed,2004, pág. 209.

WERLANG, B. S. G.; ASNIS, N. Perspectiva histórico-religiosa. In: WERLANG, B. G.;BOTEGA, N. J. **Comportamento suicida**, v. 1, 2004.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E OCUPACIONAL COM PROFESSORES

1. Idade:

18 a 25	36 a 40	41 a 45	46 a 50	51 a 55	56 ou mais

2. Sexo:

Masculino	Feminino

3. Estado civil:

Solteiro(a)	Casado(a)	Separado(a) Divorciado(a)	Viúvo(a)	União Estável (Amasiado)

4. Escolaridade (Marque um X na opção):

Ensino fundamental incompleto	
Ensino fundamental completo	
Ensino médio incompleto	
Ensino médio completo	
Ensino superior incompleto	
Ensino superior completo	
Pós-graduação	

5. Religião (Marque um X na opção):

Católico	
Evangélico	
Espírita	
Sem religião	
Outras	

6. Função ou cargo que exerce na escola em que trabalha:

--

7. Há quanto tempo trabalha na escola?

De 1 mês a 1 ano	De 1 a 2 anos	De 3 a 5 anos	De 6 a 8 anos	Mais de 8 anos

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO PARA PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO SOBRE SUICÍDIO NA JUVENTUDE

1. Falar sobre suicídio com adolescentes pode ser perigoso?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ
2. A morte é um assunto levado a sério pelos adolescentes?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ
3. Falar sobre suicídio com adolescentes pode diminuir os casos?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ
4. Você acredita que os pais falam com os filhos sobre morte?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ
5. Falar sobre o suicídio pode ajudar quem esteja a pensar suicidar-se?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ
6. Na escola, fala-se o suficiente sobre o assunto?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ
7. O suicídio pode ser discutido abertamente com os professores em sala de aula?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ
8. Os professores/ profissionais da educação sentem-se à vontade para falar sobre morte com os estudantes?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ
9. O tema “suicídio juvenil” deve fazer parte do currículo escolar?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ
10. No plano pedagógico da escola tem alguma orientação sobre prevenção e/ou pósvenção ao suicídio de estudantes?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> TALVEZ

11. As taxas de suicídios aumentaram 30% nos últimos 10 anos entre adolescentes. Em sua opinião, o que leva os jovens a suicidarem-se?
12. O que você faria se uma pessoa falasse com você em tirar a própria vida?
13. Você acredita que as pessoas que falam sobre suicídio só o fazem para chamar a atenção e não pretendem, de fato, terminar com suas vidas?
14. Em sua opinião, a escola tem alguma coisa a ver com o suicídio entre os jovens?
15. Que tipo de ações as escolas poderiam fazer para atuar na prevenção do suicídio?
16. Na escola, o que acontece quando há um caso de um jovem que quer ou tentou se suicidar?
17. Com que frequência na escola, se fala sobre suicídio em formações ou rodas de conversa entre os profissionais da educação e os estudantes?

Obrigada por sua contribuição!
Tamires Vila Maior, aluna do Mestrado em Estudos Culturais
UFMS/CPAQ